

CENTRO PAULA SOUZA
Escola Técnica Estadual Parque da Juventude
Técnico em Biblioteconomia

Bruna de Lima Dias
Noemi Costa Marques

Biblioterapia: instrumento de inclusão social no contexto da biblioteca pública

São Paulo
2021

Bruna de Lima Dias
Noemi Costa Marques

Biblioterapia: instrumento de inclusão social no contexto da biblioteca pública

Artigo apresentado à Escola Técnica Estadual Parque da Juventude, como exigência para obtenção do título de Técnico em Biblioteconomia, sob a orientação do professor Winderson Jesus Gomes.

São Paulo
2021

Catálogo-na-Publicação (CIP)

615

D541b Dias, Bruna.

Biblioterapia : instrumento de inclusão social no contexto da biblioteca pública / Noemi Costa Marques. – 2021.

80 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Winderson Jesus Gomes.

Trabalho de conclusão de curso (Técnico em Biblioteconomia) –
Escola Técnica Estadual Parque da Juventude.

1. Biblioterapia. 2. Biblioteca Pública. 3. Inclusão Social. I. Marques, Noemi Costa. II. Gomes, Winderson Jesus, orient. III. Título.

Bruna de Lima Dias, Noemi Costa Marques

Biblioterapia: instrumento de inclusão social no contexto da biblioteca pública

Artigo apresentado à Escola Técnica Estadual Parque da Juventude, como exigência para obtenção do título de Técnico em Biblioteconomia, sob a orientação do professor Winderson Jesus Gomes.

Data de aprovação:

30 de junho de 2021.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE
ARTIGO CIENTÍFICO EM OBRA COLETIVA**

Pelo presente termo de autorização para publicação de artigo científico em obra coletiva, tendo em vista o disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19/12/1998, eu/nós autor(es): **BRUNA DE LIMA DIAS, NOEMI COSTA MARQUES** autorizamos a partir desta data, em caráter exclusivo e isento de qualquer ônus, o uso do texto intitulado, **BIBLIOTERAPIA: INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA**, para publicação em sitio institucional, repositório institucional, obra coletiva ou periódico eletrônico e/ou impresso a ser organizado pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Declaro ainda, que o texto acima referenciado é de nossa autoria, responsabilizando-nos, portanto, pela originalidade e pela revisão do texto, concedendo ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza plenos direitos para escolha do editor, meios de publicação, meios de reprodução, meios de divulgação, tiragem, formato, enfim, tudo o que for necessário para que a publicação seja efetivada.

São Paulo, SP, 30 de junho de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por estarmos vivas e com saúde, também pela oportunidade de, embora em meio à uma pandemia, de não nos conhecermos pessoalmente, mantivemos uma boa conexão e ânimo para seguir em frente para conseguirmos concretizar este estudo.

Agradecemos às nossas famílias pelo apoio e paciência.

Agradecemos ao jornalista Galeno Amorim por sua disponibilidade em ceder seu tempo para nossa entrevista e por suas contribuições ao compartilhar suas reflexões sobre o tema.

Agradecemos aos nossos professores e alunos da turma do curso técnico em Biblioteconomia por vencer o desafio desse tipo de ensino em que ambos tiveram que se adaptar à nova realidade.

E por fim, agradecemos ao nosso professor e orientador Winderson Jesus Gomes por acompanhar nosso trajeto de aprendizado ao longo da escrita deste trabalho de conclusão de curso, nos incentivar e compartilhar conosco seus conhecimentos.

Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação. (BORGES, 2011).

A biblioteca pública é um dos raros lugares culturais que se dirigem a todas as gerações ao mesmo tempo, grandes e pequenos, jovens e velhos, pais e filhos. (PATTE, 2014).

A biblioterapia é capaz de promover o encontro com aquilo que há de mais especial em cada um de nós. (SOUSA, 2021).

RESUMO

O presente estudo teve início a partir do interesse e da necessidade em aprofundar conhecimentos sobre o papel da leitura e dos livros como peças-chave capazes de transformar o indivíduo e a sociedade. Imersa neste enredo a biblioterapia apresenta uma relação intrínseca com a leitura e os livros. Isto posto, este artigo tem por objetivo analisar e verificar como a biblioterapia pode ser um elemento de inclusão social quando aplicada em bibliotecas públicas. Para isso emprega-se uma metodologia quali-quantitativa com uma abordagem bibliográfica e de caráter exploratório visando demonstrar, através de pesquisa e análise de dados, os impactos de sua aplicação nesses espaços, bem como obter uma maior familiaridade com o tema proposto através da fundamentação teórica. Os resultados da análise evidenciam que a biblioterapia busca cuidar do corpo e da mente por meio dos livros e da leitura apresentando resultados positivos aos que a aplicam e recebem sua aplicação. Além disso, é possível notar também que quando aplicada em ambientes de biblioteca pública, a biblioterapia pode-se fundir à função da biblioteca por esta ser um espaço de reivindicação à cultura, inclusão, educação, troca de experiências e bem-estar demonstrando desta forma que essa pode colaborar para atingir os objetivos propostos pela Agenda 2030.

Palavras-chave: biblioterapia; leitura; livros; biblioteca pública; inclusão social.

ABSTRACT

This research had start from the interest and need to deepen the knowledge about reading role and books as key pieces capable of transforming the individual and society. Immersed in this storyline, bibliotherapy has an intrinsic relationship with reading and books. Therefore, this paper aims to analyze and verify how bibliotherapy can be a social inclusion element when applied in public libraries. For this is used a quali-quantitative methodology with a bibliographic and exploratory approach, aiming to demonstrate, through research and data analysis, the impacts of its application in these spaces, as well as to obtain a greater familiarity with the proposed theme through the theoretical foundation. Analysis results evidences us that bibliotherapy seeks to take care of the body and mind through books and reading, presenting positive results to those who apply it and receive its application. In addition, it is also possible to note that when applied in public library environments, bibliotherapy can merge with the function of the library as it is a space of claim to culture, inclusion, education, experiences exchange and welfare, thus demonstrating that it can collaborate to achieve the objectives proposed by Agenda 2030.

Keywords: bibliotherapy; reading; books; public libraries; social inclusion.

LISTA DE SIGLAS

ALA	American Library Association
CEART	Centro de Artes da UDESC
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
RNBP	Rede Nacional de Bibliotecas Públicas
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	BIBLIOTERAPIA: HISTÓRIA	14
2.1	O que é Biblioterapia?	15
2.2	Biblioterapia em ação	19
2.3	Biblioterapia: relatos da pandemia	21
3	BIBLIOTECA PÚBLICA.....	25
3.1	Cenário atual.....	27
3.2	Aplicação da biblioterapia no espaço das bibliotecas.....	29
4	ANÁLISE DE DADOS.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51
	BIBLIOGRAFIAS	56
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM GALENO AMORIM	57
	APÊNDICE B – PESQUISA GOOGLE FORMS	76

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ser uma área recente, a biblioterapia remonta as antigas civilizações que acreditavam que a leitura poderia proporcionar conhecimento, interação com outros povos, reflexão e consequentemente bem-estar.

A biblioterapia ajuda a promover a inclusão social podendo ser uma ferramenta de trabalho para o bibliotecário e outros profissionais como psicólogos e terapeutas. Segundo Proust (*apud* CALDIN, 2009, p. 11), a leitura solitária é prazerosa e benéfica, no entanto, para Caldin (2009), os benefícios da leitura em grupo são mais eficientes, pois com a troca de experiências a leitura se torna uma vivência mais rica proporcionando reflexões e aprendizagem.

Nesse sentido, a biblioterapia auxilia no processo de identificação pessoal promovendo a integração entre os indivíduos envolvidos, e a partir disto, é possível verificar um caráter educativo capaz de incitar a valorização do papel transformador da leitura para sociedade.

A biblioterapia utilizada como atividade interdisciplinar e aplicada por diversas áreas como Biblioteconomia, Psicologia, Filosofia entre outras, também pode ser utilizada em escolas, espaços terapêuticos e bibliotecas. Assim sendo, este artigo tem como objeto de estudo a biblioterapia como ferramenta de inclusão social em bibliotecas públicas, buscando compreender quais os impactos sociais da sua aplicação nesses espaços.

Com base nos objetivos 3 (Saúde e Bem-Estar) e 4 (Educação de Qualidade) da Agenda 2030, este trabalho se justifica e faz necessário um estudo aprofundado para verificar e constatar o potencial da leitura e dos livros no processo de integração e mobilização social, pois um indivíduo que lê é capaz de transformar a si mesmo e a sociedade. A biblioteca pública sendo um espaço que promove a disseminação democrática do conhecimento, bem como a troca de experiências, junto a aplicação da biblioterapia proporciona um elo entre a leitura dos livros e a transformação dos indivíduos dando início a um ciclo que se retroalimenta: a biblioteca se transformando e transformando os indivíduos.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar e verificar como a biblioterapia pode ser uma ferramenta de inclusão social quando aplicada em bibliotecas públicas.

Para isso busca conceituar o termo biblioterapia, biblioteca pública e a biblioterapia no espaço das bibliotecas, refletindo sobre a aplicação da biblioterapia nas bibliotecas, analisando os efeitos positivos para a inclusão social e o papel da biblioteca e da leitura para o desenvolvimento da sociedade bem como essa pode ser um instrumento de aprendizagem ao longo da vida.

A pesquisa teve como ponto motivador buscar abordar o papel da leitura e dos livros como elementos transformadores da sociedade. À vista disso, durante as leituras e pesquisa sobre o tema na literatura muitas vezes foi verificada uma relação com a biblioterapia, e como esses apresentam um aspecto intrínseco. Desta forma, observou-se uma oportunidade de estudo sobre os impactos da biblioterapia como um instrumento de inclusão social.

A metodologia aplicada consistirá na pesquisa bibliográfica baseada em artigos, livros e revisão de literatura que compõe a fundamentação teórica deste estudo, apresentando também um caráter exploratório a fim de propiciar uma maior familiaridade com o tema proposto.

Ainda dentro da metodologia terá uma abordagem quali-quantitativa: qualitativa, no que tange aos conceitos e teorias que serão verificados e, quantitativa, uma vez que serão analisados os dados do resultado de uma pesquisa. Além disso, serão utilizados meios não convencionais para consulta com intuito de trazer melhor entendimento sobre os impactos da biblioterapia.

Partindo disso, o estudo procura responder as seguintes questões: averiguar como a aplicação da biblioterapia traz efeitos nos indivíduos para a questão social visando a saúde, bem-estar e uma educação inclusiva; aprofundando a pesquisa sobre a aplicação da biblioterapia, no caso as bibliotecas públicas, e como esta pode ser um eficiente instrumento, porque apesar de ser bastante divulgada no país, a biblioterapia ainda não é aplicada com tanta frequência.

2 BIBLIOTERAPIA: HISTÓRIA

As antigas civilizações acreditavam no valor terapêutico que a leitura poderia proporcionar aos indivíduos, nesse sentido, segundo Almeida *et al.* (2012) não há um consenso de quando e onde ocorreu o surgimento do termo biblioterapia, uma vez que a ação precede o surgimento do termo.

Observa-se que no Egito Antigo, o faraó Ramsés II possuía em sua biblioteca a inscrição “Remédios para a alma”. Já na Grécia, os gregos idealizavam suas bibliotecas como “A medicina da alma” (FERRAZ, 2018, p. 23).

Entre os romanos, segundo Ferreira (2003) Aulus Cornelius Celsus associava a leitura e as discussões de grandes obras como forma terapêutica para o autodesenvolvimento. Na Idade Média, “Tesouro dos remédios da alma” eram as palavras encontradas na biblioteca da abadia de São Gall (ALVES, 1982, p. 55).

No século XIX, nos Estados Unidos, em seu livro *“Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind”*, Benjamin Rush recomenda o uso da leitura de livros como tratamento médico coadjuvante para doenças mentais. Entretanto, o termo biblioterapia só ficou conhecido a partir do século XX conforme pontua Caldin (2009).

As biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma Foreman tiveram um papel importante para a consolidação da Biblioterapia na década de 30, e no que tange as pesquisas sobre biblioterapia, essas foram ampliadas com a publicação “Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico” de Ilse Bry em 1942. A partir da década de 50, mais publicações sobre o tema foram feitas, consolidando essa como campo de conhecimento, e é diante desse novo cenário que surgem os primeiros Ph.D. da área com destaque para a publicação “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”, de Caroline Shrodes, que serviu de base para a Biblioterapia atual (FERREIRA, 2003).

Para melhor compreensão do contexto apresentado cabe discorrer um resumo histórico da Biblioterapia:

Tabela 1: Resumo histórico da Biblioterapia

PERÍODO	AÇÃO
Egito Antigo	Remédios para a alma
Grécia	Medicina da alma
Roma	Leitura como forma terapêutica para o autodesenvolvimento
Idade Média	Tesouro dos remédios da alma
Século XIX	Benjamin Rush - leitura: tratamento coadjuvante
Século XX	Consolidação da Biblioterapia Publicação de artigos sobre o tema

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

2.1 O que é Biblioterapia?

A palavra biblioterapia é resultado da junção das palavras gregas *biblion* (livro) e *therapeía* (terapia). Segundo Pereira (1996), Samuel Mcchord Crothers é considerado o criador do termo biblioterapia, quando em 1916 publicou um artigo na revista norte americana *Atlantic Monthly*. E em 1941, o termo é definido pelo dicionário médico *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* como o “emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais” (ALVES, 1982, p. 55).

O termo biblioterapia, entretanto, apresenta muitas definições de acordo com cada autor, para Ouaknin (2016, p. 17-18, tradução nossa) é a terapia através dos livros, porém esta definição implica em um conjunto de perguntas complexas, tais como o que é um livro? O que é a leitura? O que é doença e qual o sentido que se deve dar a palavra “terapia”? E se trata somente da “cura”? O autor ainda reforça que é preciso não se limitar somente a definição e sim ampliar a visão sobre terapia a partir de diferentes e vários horizontes linguísticos e culturais.

Pereira (1996) reitera a fala de Ouaknin de que a biblioterapia está voltada para algo maior, não se restringindo apenas aos termos, nem se limitando somente a uma terapia ou ao contexto de cura simplesmente.

De acordo com Caldin (2005), a biblioterapia vai além da crua leitura de histórias, pois essa amplia a visão do leitor para posteriormente incluir comentários adicionais e interpretação do texto, portanto, a leitura é algo transcendental que leva o sujeito para além de si.

Segundo Almeida et al. (2012) a biblioterapia tem por objetivo ajudar pessoas com problemas físicos ou mentais a encontrarem soluções às suas questões por meio dos textos e do prazer da leitura.

Observa-se assim, que a leitura, a linguagem e a escrita são imprescindíveis para o processo evolutivo do homem e servem como divisor de águas permitindo o desenvolvimento de outras habilidades como a interpretação da realidade a sua volta e a de si mesmo. A partir do aperfeiçoamento desses saberes, o ser humano passa a representar a realidade externa e interna através de signos e sinais propiciando um processo de identificação.

Entretanto, esse processo evolutivo não sobrevive somente com o indivíduo: é necessário o coletivo, uma vez que são nas trocas de experiências e vivências que a sociedade evolui e pode atingir seu pleno desenvolvimento promovendo reflexões e integração entre os indivíduos.

Desta forma, Ratton reitera que:

Desde que os homens, pela invenção da escrita e dos meios necessários à sua divulgação, constituíram uma memória coletiva, têm sido influenciados por ela, não só individualmente, mas socialmente. Foi essa memória coletiva que permitiu o desenvolvimento da sociedade como um todo, tornando possível abolir a duplicação de esforços e evitando o desconhecimento de etapas já alcançadas pela humanidade, desconhecimento esse que levaria a uma volta constante aos estágios primários (RATTON, 1975, p. 200).

O ser humano, portanto, é o resultado de uma série de comportamentos adquiridos durante o desenvolvimento da vida familiar, escolar e social, a leitura por sua vez, permite ao indivíduo alcançar o bem-estar comportamental e social através do conhecimento e do aprendizado. Assim sendo, o encontro da leitura e do leitor proporciona uma conexão e também um resultado.

Para tanto, Ouaknin enfatiza que

Uma vez que a leitura é um encontro entre um texto e o leitor é de responsabilidade do leitor que se converta em um agente e iniciador da ação [...]. A identidade narrativa de um ser humano está em movimento constante.

Graças a leitura e interpretação não finda o fazer-se, desfazer-se e refazer-se (OUAKNIN, 2016, p. 145, tradução nossa).

Em vista disso, a leitura tem, portanto, um impacto diferente em cada leitor, o texto agirá de forma singular em cada indivíduo, pois para alguns essa ação poderá ser mais objetiva e técnica e para outros o envolvimento se dará de forma mais emotiva.

Pensando nas formas distintas de como a leitura age em cada ser humano e na maneira como pode ser realizada, individual ou coletivamente, partindo disso é possível identificar os seguintes componentes biblioterapêuticos: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

A catarse é considerada um dos primeiros objetivos da biblioterapia segundo Ribeiro e Lück (2020, p. 31), pois representa os primeiros contatos do leitor com um livro ou um texto trazendo à tona emoções e sensações reprimidas e, a partir da leitura, proporciona a liberação dos sentimentos de alívio, pacificação e serenidade.

O humor dentro da biblioterapia é um componente transformador, pois tenta converter sentimentos, como por exemplo a dor, em algo menos pesado. Nesse sentido, Caldin (2001, p. 38) pontua que livros e textos que se utilizam do humor apresentam a possibilidade de um tipo de terapia.

No processo de identificação, o sujeito ao entrar em contato com o livro/texto sente empatia e, ao projetar esse sentimento a partir do contexto apresentado pelos personagens, se vê representado.

Na biblioterapia, introjeção consiste em um processo de interiorização, no qual o indivíduo traz o sentimento de fora (do texto) para dentro (de si) e, nesse sentido, está diretamente relacionada com a identificação.

Na projeção ocorre a transferência de suas próprias ideias, sentimentos e impressões aos outros resultando numa introspecção, em que, ao refletir sobre seus sentimentos, possibilita uma mudança de comportamento conduzindo ao autoconhecimento.

Para fixação do conteúdo apresentado, segue breve resumo dos componentes biblioterapêuticos:

Tabela 2: Resumo dos componentes Biblioterapêuticos

COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS	
Catarse	Pacificação
Humor	Transformação
Identificação	Representação
Introjeção	Interiorização
Projeção	Transferência
Introspecção	Reflexão e mudança

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Esses componentes apresentam um panorama dos diversos tipos de sentimentos que um texto pode proporcionar ao leitor e de como o processo da leitura tem um papel transformador na vida do indivíduo e na sociedade.

Sendo assim, a literatura categoriza a biblioterapia em três tipos: clínica, institucional e de desenvolvimento.

A biblioterapia clínica está voltada ao atendimento com psicólogos, psicoterapeutas e médicos, profissionais aptos a trabalhar com indivíduos com problemas comportamentais e emocionais. O bibliotecário tem um papel importante fazendo a seleção das leituras, que são o fio condutor para um tratamento que visa a mudança de comportamento.

A biblioterapia institucional é realizada por profissionais bibliotecários juntamente com um médico para o tratamento individualizado de pacientes com problemas mentais. Tem por objetivo, através da “prescrição” de textos/obras previamente selecionados, produzir higiene mental, cuja meta é recreativa e informativa.

A biblioterapia de desenvolvimento é realizada em grupo, juntamente com um bibliotecário ou outro profissional apto, para o tratamento de indivíduos que buscam o autodesenvolvimento. Visa o bem-estar ou o desenvolvimento pessoal utilizando para isso a literatura com enfoque educacional e imaginativo.

Essa divisão dentro da biblioterapia permite tratar os indivíduos respeitando suas singularidades tendo o texto/obra como base para o tratamento que atenderá as demandas variadas envolvendo profissionais interdisciplinares. Um mesmo texto pode ser trabalhado de forma diferente por cada profissional, orientando cada leitura de forma dirigida e conduzindo a discussões que possibilitem atender as múltiplas necessidades.

2.2 Biblioterapia em ação

A biblioterapia em função da sua característica interdisciplinar possibilita uma gama de ações que podem ser aplicadas para diferentes soluções em vários ambientes.

A princípio a biblioterapia começou a ser aplicada em hospitais, em especial psiquiátricos, que com o passar do tempo incluíram bibliotecas em seus espaços. Essa introdução proporcionou que o processo de leitura de livros fosse utilizado em pacientes para adaptação hospitalar.

Segundo Pereira (1996) a Primeira Guerra Mundial deu grande visibilidade à biblioterapia, pois com a ajuda de bibliotecários que auxiliaram na criação de bibliotecas em hospitais da Cruz Vermelha, muitas pessoas passaram a ter esse tipo de tratamento.

Já na Segunda Guerra Mundial, a biblioterapia deu um salto positivo para o reconhecimento da sua eficácia e passa a fazer parte oficialmente da área de biblioteconomia quando o *Hospital Division of the American Library Association* estabeleceu a primeira comissão sobre Biblioterapia. Esse período também se caracteriza como um marco para o avanço de publicações de artigos sobre o tema (SEITZ, 2000; PERREIRA, 1996).

A partir dos retornos apresentados por sua aplicação, a biblioterapia tornou-se conhecida e seu nome passa a ter um peso importante no meio da saúde.

Nas bibliotecas, a biblioterapia surgiu como o atual serviço de referência: um refinamento da função de aconselhamento de leitura auxiliando leitores na busca por suas leituras (PEREIRA, 1996).

Em 1974, a Federação Internacional de Associações Bibliotecárias elaborou um documento que previa a aplicação de um programa de biblioterapia em bibliotecas públicas e após um ano esse trabalho foi publicado pela comissão editorial da ALA (*American Library Association*) com o título “Reabilitação da saúde por serviços de bibliotecas” (PEREIRA, 1987).

Em um ambiente prisional, a biblioterapia pode ser aplicada como um instrumento de reintegração social. No entanto, é preciso que a unidade prisional tenha em suas dependências uma biblioteca e um bibliotecário para fazer essa ponte buscando o auxílio de outros profissionais, uma vez que a aplicação da primeira está condicionada a existência da segunda, conforme pontua Alves (1982).

Trindade (2009, p. 15) ressalta que em ambientes prisionais a biblioterapia pode ser aproveitada, ainda, “como técnica de mudança de comportamento, educação e reabilitação social, pois a leitura terapêutica não traz consigo somente o sentido curativo, mas também o aspecto preventivo”.

O mundo globalizado e dos conhecimentos múltiplos possibilitou que a biblioterapia migrasse dos espaços físicos e atingisse os virtuais. No contexto atual, no qual a pandemia impôs mudança de comportamento em nível global, o isolamento social foi responsável por fazer emergir uma série de emoções como angústia, depressão e solidão. Para mitigar esses sentimentos a biblioterapia desempenha um papel importante durante esse período de afastamento social, aliada às tecnologias disponíveis, possibilitou que as pessoas se reorganizem de maneira segura em ambiente virtual, o que se tornou propício a realização de reuniões, encontros e *lives* impulsionando assim o surgimento de grupos de leitura, mediação e contação de histórias.

Ribeiro e Lück ressaltam que a biblioterapia pode atingir sua totalidade mesmo em momentos pouco favoráveis para seu desenvolvimento, pois:

Apesar do isolamento social imposto pela pandemia e a impossibilidade do acesso às bibliotecas e outros equipamentos culturais, a exploração dessa alternativa se torna possível devido às ferramentas de interação virtual que as novas tecnologias de comunicação e de informação colocam à disposição, independentemente da distância física das pessoas (RIBEIRO; LÜCK, 2020, p. 27).

Deste modo a biblioterapia, emerge positivamente nesse contexto como uma alternativa para proporcionar bem-estar as pessoas durante esse período de afastamento, possibilitando um momentâneo e necessário escape da realidade, uma “fuga e refúgio” no mundo da leitura, para aliviar sentimentos opressores causados pelo isolamento. Diante deste cenário, reforça e evidencia que o homem é um ser social, e que, portanto, precisa da interação com o outro para se sentir integrado.

2.3 Biblioterapia: relatos da pandemia

Ao final do ano de 2019 chegam rumores de uma nova doença que assolava a China, mais especificamente na província de Hubei. Esses rumores, a princípio em outro continente e distantes da realidade brasileira, intensificaram-se no ano de 2020 quando começaram a surgir os primeiros casos.

De acordo com Rama:

Em janeiro, não era mais do que um eco longínquo, para o qual fomos lentamente dessensibilizados pelo habitual sensacionalismo da comunicação social. Rapidamente se tornou um problema, primeiro europeu e depois nosso (RAMA, 2020, p. 85).

Garcia e Duarte (2020) apontam que com o crescente número de casos e países afetados pela doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em 30 de janeiro de 2020 que os acontecimentos se tornaram uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). No Brasil foi declarada a ESPII em 3 de fevereiro de 2020 e com as alarmantes notificações de progressivas mortes em todos os continentes, em 11 de março de 2020, a OMS declarou a pandemia de COVID-19.

Diante do novo cenário, uma série de medidas sanitárias tiveram que ser implantadas para tentar conter a progressão da doença, houve uma urgente necessidade de mudança de comportamento e a população teve que se adequar à nova realidade.

Os meses foram avançando e medidas como isolamento social tiveram que ser adotadas. Em meio ao isolamento e a reclusão, os indivíduos necessitavam de algo que pudesse aplacar seus anseios e angústias que cresciam diante das incertezas que pairavam: dúvidas, falta de conhecimento sobre a doença, desinformação,

informações desconhecidas, ausência de vacina e tantas outras questões que se apresentavam constantemente a cada dia.

Uma série de novos comportamentos foram empregados como reuniões *online*, *lives* culturais, eventos organizados de maneira remota, palestras, trabalho *home office* entre outros. Com as medidas de restrição ficando cada vez mais rigorosas, ocorreu algo inédito no contexto mundial: uma intensa migração do “mundo físico” para o digital. Desta forma, cresce o número de compras *online* nos setores de alimentação, vestuário, mobiliário, educacional e cultural.

O mercado livreiro também teve expressivo crescimento de vendas segundo dados do relatório da Nielsen e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), que cresceu 4,98% no período em 2020, retratando uma mudança: as pessoas passaram a adquirir mais livros e esse novo comportamento demonstra uma gradual busca de refúgio nos livros e na leitura como alternativa para minimizar os efeitos da pandemia.

Nesse contexto a biblioterapia se apresenta como uma possibilidade para manter a saúde e o bem-estar as inúmeras dificuldades que se apresentavam. Uma vez que, conforme enfatizam Ribeiro e Lück:

Todo o esforço para se manter com saúde e equilíbrio mental deve ser experienciado. A biblioterapia tem sido aplicada em diferentes situações pelos homens há muito tempo e, num momento como este de isolamento em que se está submetido, uns em maior grau que outros, pode ser uma alternativa bastante eficaz para mitigar os efeitos desastrosos da angústia, da tristeza e do abandono. Isso porque a literatura tem o poder de nos fazer viajar sem sair do lugar e de viver a vida dos personagens durante a leitura. É um mergulho em um outro universo proporcionando um suspiro da realidade que no momento é aterradora (RIBEIRO; LÜCK, 2020, p. 41).

Compreendendo a importância substancial do papel da leitura e dos livros como forma terapêutica, as pessoas e instituições ao redor do mundo, passaram a se organizar, criando encontros *online*, grupos, mediação e clubes de leitura.

Na Espanha, desde 2015 há um programa de leitura em que funcionários da biblioteca e voluntários deslocavam-se para as casas de repouso para fazer leituras aos idosos. No entanto, com a pandemia esse serviço teve que ser adaptado, e um bom exemplo é o que ocorreu com o bibliotecário Juan Sobrino da Biblioteca Municipal Pedro Lorenzo, em Soto del Real, Madri que, segundo matéria publicada na Gazeta do Povo

(2020), deu continuidade ao serviço oferecendo leitura pelo telefone como forma de combater o isolamento dos idosos e mantê-los conectados com o mundo fora da instituição.

No Brasil algumas iniciativas foram implantadas como o Clube 6.0, projeto do Observatório do Livro e da Leitura cujo diretor, o jornalista Galeno Amorim, em sua fala expressa que:

[...] esses grupos começaram a se reunir virtualmente e foram importantíssimos inclusive trazendo para inclusão digital as pessoas mais velhas porque tornou-se a única oportunidade de conversa, de convivência ainda que no modo virtual [...] pessoas podendo falar, ser ouvidas, serem acolhidas, podendo desabafar, ouvir o que o outro tem a dizer, perceber, que isso é a essência, de novo, da biblioterapia (AMORIM, 2021).

Outro exemplo de projeto que explora os benefícios da biblioterapia, ou seja, o uso do livro e da leitura para o autocuidado, é o Dito Efeito Literário projeto realizado pela coordenadoria de Cultura da Pró Reitoria de Extensão Cultura e Comunidade da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O objetivo do projeto é auxiliar na melhora da saúde mental através da produção de vídeos curtos com declamação de poesias, narração de histórias e reflexões que são publicados periodicamente no canal do projeto na plataforma *YouTube* (CEART; UDESC, 2020).

Com efeito, Amorim reforça a importância da biblioterapia durante o período de isolamento, pois

[...] parte do pressuposto de que a gente tendo acesso ao livro, ao livro certo que toca em determinados temas, temas geradores de reflexões, são geradores de profundas cutucadas no nosso ser e a partir dessas provocações internas a gente pode ter catarses, a gente pode ter mais insights a partir de uma conexão muito concreta que começa com a subjetividade da literatura, mas toca em temas concretos do nosso dia a dia. Então eu leio determinado texto e aquilo me faz conectar de alguma maneira com aquele autor, com a personagem daquela história, e eu ao me associar com alguém que, por exemplo, tem um problema parecido começo a perceber que não sou a única pessoa do mundo a passar por aquilo, a ter aquele tipo de problema [...] tem que ter conexão, a palavra tem que ter conexão com algo que faça um sentido na nossa vida e a partir disso é que a gente se libera pra fazer essas viagens infinitas pela literatura (AMORIM, 2021).

O quadro da pandemia colocou em evidência outros cenários que estavam ocultos, e a biblioterapia aplicada neste contexto, pode se observar, foi muito bem aceita e trouxe resultados positivos. Entretanto, essa vivência com os livros e a leitura necessita de

continuidade para além deste período incomum fazendo parte do dia a dia das pessoas.

O livro e a leitura, ao longo da história, desempenharam papel transformador nos ambientes em que estavam presentes permitindo ampliar o conhecimento, as interações e possibilitando a conexão entre indivíduos e a inclusão daqueles que até então estavam a margem dos círculos de convivência social.

Consultórios, hospitais, escolas e ambientes virtuais são locais possíveis de aplicar a biblioterapia, o mesmo pode acontecer em bibliotecas nas suas diversas tipologias, levando a reflexão de que se unidas poderiam formar uma parceria interessante.

3 BIBLIOTECA PÚBLICA

Ao longo da sua existência, a visão que se tinha de biblioteca pública foi sendo alterada e no século XXI tem um papel não somente de disponibilizar o acesso aos livros, mas também é um local para agregar conhecimento, integração e convivência entre os mais variados grupos, e por conta desse espaço ser propício a interação, pode proporcionar vivências que ampliam ideias sendo estas capazes de transformar a sociedade.

Machado e Suaiden (2015, p. 26) enfatizam que a biblioteca pública desempenhou diversas funções sociais em consonância aos períodos e sociedade em que estava inserida. A princípio na Idade Média, o papel principal das bibliotecas era a preservação dos livros, entretanto com o surgimento de novas tecnologias e suportes a função de preservação é alterada para disseminação de conhecimento.

A invenção da imprensa é um exemplo dessas novas tecnologias que revolucionou a sociedade possibilitando a popularização e ampliação das bibliotecas, alavancando a partir do século XVII a ideia de biblioteca pública moderna com acesso gratuito, funcionamento com horários regulares e amplo acervo para utilização do usuário, como pontua Lemos (2008).

Apesar do conceito de biblioteca pública ter sido ampliado com a imprensa, a ideia é anterior e remete a Roma, quando Asínio Pólio no ano de 39 d.C. mesmo após a morte de Júlio Cesar seu idealizador, construiu no templo Liberdade a primeira biblioteca pública (MARTINS, 2002, p. 78 *apud* FERRAZ, 2014).

O mesmo fato aconteceu com a biblioteca de Alexandria quando mesmo após a morte de Alexandre, o Grande, seus ideais continuaram a ser implantados preservando a ideia de uma biblioteca que fosse um centro de conhecimento, saber, pesquisa e estudos na antiguidade.

As primeiras bibliotecas públicas modernas se constituíram na Europa e nos Estados Unidos, sendo que o modelo utilizado por estas serviu de base para outros países estruturarem suas bibliotecas e usarem como inspiração. No caso do Brasil, segundo Lemos (2005) as bibliotecas públicas espelharam-se no modelo de biblioteca dos Estados Unidos, no qual era financiada pelo mecenas.

No contexto brasileiro, a chegada da corte portuguesa de Lisboa trouxe para o Brasil a Biblioteca Real em 1807 e, segundo Machado e Suaiden (2015), apesar de estar em solo nacional, foi uma transferência entre metrópole e colônia e não uma construção propriamente dita. Visto que a primeira biblioteca pública nos moldes conhecidos foi idealizada pelo senhor de engenho Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco em 1811, quando este solicita a aprovação do plano para a fundação da Biblioteca ao governador da Capitania da Bahia, ressaltando a importância que o projeto tinha para “facilitar o acesso ao livro, mostrava grande preocupação com a área da educação” (SUAIDEN, 2000, p. 52). No entanto, indo de encontro a ideia de preocupação com a educação, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, só foi aberta ao público em 1824.

A Semana da Arte Moderna, em 1922, teve um grande impacto para a história das bibliotecas públicas brasileiras, pois é a partir desse período que passa a se pensar “na constituição de uma biblioteca mais voltada às necessidades da sociedade, mais orgânica, baseada no modelo e na escola norte-americana de biblioteconomia” (MACHADO; SUAIDEN, 2015, p. 28).

Diante deste cenário é relevante entender o conceito de biblioteca pública e sua importância para a sociedade, assim alguns autores como Suaiden definem que:

[...] dentre todos os tipos de bibliotecas é a única que possui realmente características de uma instituição social, tanto pela amplitude de seu campo de ação como pela diversificação de seus usuários. É um centro de educação permanente (SUAIDEN, 1995, p. 19-20).

Já Koontz e Gubbin apontam que “a biblioteca pública é o principal ponto de acesso da comunidade, concebido para, de forma proactiva, dar resposta às suas necessidades de informação em permanente mudança” (2013, p. 9).

Nesse sentido, o Manifesto da IFLA/UNESCO enfatiza que a biblioteca pública é uma:

Porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais, [...] enquanto força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres, [...] A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros. Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA, 1994).

Diante das definições apresentadas, qual o papel da biblioteca pública dentro da sociedade? Quais atribuições deve desempenhar?

Arruda (2000) ressalta que são as funções básicas da biblioteca pública, educativa, cultural, recreativa e informacional, que a tornam verdadeiramente pública e que estas não podem ser dissociadas, nem estar desconexas, devendo sempre ser trabalhadas de forma conjunta.

Para desempenhar as funções atribuídas às bibliotecas públicas, o Manifesto da IFLA/ UNESCO aponta que:

Os serviços da biblioteca pública devem, em princípio, ser gratuitos. A biblioteca pública é da responsabilidade das autoridades locais e nacionais. Deve ser objeto de uma legislação específica e financiada pelos governos nacionais e locais. Tem de ser uma componente essencial de qualquer estratégia em longo prazo para a cultura, o acesso à informação, a alfabetização e a educação.

Para assegurar a coordenação e cooperação das bibliotecas, a legislação e os planos estratégicos devem ainda definir e promover uma rede nacional de bibliotecas, baseada em padrões de serviço previamente acordado (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA, 1994).

Portanto, diante das atribuições apresentadas, é possível considerar que a biblioteca pública é um espaço de carácter social e democrático, que visa a disseminação do conhecimento para promover uma sociedade mais igualitária e inclusiva, que tenha acesso a informação, aos livros e as diferentes formas de expressões culturais, sociais e educativas. Esse acesso à informação apresentado de maneira imparcial e não tendenciosa pelo profissional da informação, que por sua vez atua como mediador e agente social em parceria com a biblioteca, fomenta a reflexão crítica através das informações ofertadas ao usuário.

3.1 Cenário atual

Tanto o conceito quanto o papel da biblioteca pública foi evoluindo constantemente e ao longo do tempo.

Segundo Rasteli (2013) a biblioteca sempre esteve imersa na sociedade como sendo um equipamento democrático, cujos objetivos são dar acesso à informação, lazer, educação e cultura que são aspectos ligados ao indivíduo, suas liberdades e que formam a base da convivência democrática.

O mesmo autor enfatiza que nesse sentido:

Para auxiliar na formação de leitores é necessário que se tenha uma biblioteca pública viva e atuante, onde esse espaço seja um recurso educativo, cultural, pedagógico, amplo, com acervo diversificado, atualizado e dinâmico. Também, nesse espaço, devem ocorrer práticas interativas e mediadas auxiliando no desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, traduzindo-se em competências leitoras (RASTELI, 2013, p. 74).

Nos últimos anos as tecnologias de informação e comunicação (TICs) deram novas possibilidades à biblioteca, os serviços oferecidos por essa foram dinamizados pelas máquinas, sendo assim, o bibliotecário pode atender mais usuários em menor tempo e a distância, por exemplo, o que antes era um problema, atualmente não configura mais como um obstáculo para o acesso à informação.

Assim essas novas tecnologias servem como um apoio para auxiliar o profissional da informação no gerenciamento da informação não sendo substituto do mesmo, mas reforçando a função principal da biblioteca e do profissional na produção e disseminação do conhecimento.

Jesus e Cunha (2019) exaltam que essas bibliotecas do futuro devem ser espaços comunitários e facilitadores da produção do conhecimento, sendo os usuários aqueles que compartilham informações e se apropriam da biblioteca como centro de convivência e criação, indo além das funções tradicionais da biblioteca.

As bibliotecas se utilizam das tecnologias para auxiliar e permanecer exercendo sua função de disseminação do conhecimento, foi o que ocorreu no primeiro ano da pandemia de COVID-19, quando a sociedade, diante da nova realidade, reorganizou-se por si só para continuar oferecendo seus serviços.

As bibliotecas públicas, por exemplo, mantiveram os serviços que prestavam e migraram para o ambiente virtual adaptando-se a essa nova realidade, e desenvolvendo também novas oportunidades para atuação nesses espaços.

Observa-se que biblioteca continua desempenhando suas funções e permanece de acordo com as premissas de Ranganathan, de “ser um organismo em crescimento”, *pari e passu* com Rasteli, no qual, nesse momento, as bibliotecas públicas são compreendidas “como organismos de vital importância social na circulação da informação, quaisquer que sejam elas, impressa, oral ou virtual” (2013, p. 87).

Cunha (2003) pontua que a biblioteca pública se encontra no cenário da sociedade da informação, cujo esperado é que se aproprie e faça uso e a disseminação das tecnologias da informação, reconhecendo o papel de importância que essa tem como ferramenta para ampliação do conhecimento, sendo também um instrumento que visa democratizar e assegurar a universalização do acesso à informação procurando mitigar e diminuir a exclusão social da cultura digital.

Em momentos de crise é esperado que haja corte de gastos, em especial na área da cultura, e no que tange a saúde e educação são áreas que muitas vezes também não são poupadas. Entretanto, Rasteli apresenta que:

Em situações sociais excludentes, investimentos em bibliotecas públicas necessitam ser prioridade dos governantes. É notório que educação e cultura representam importantes instrumentos para alterar as condições de desenvolvimento humano (RASTELI, 2013, p. 88).

A biblioteca pública independente do contexto ou da situação em que está inserida deve estar aberta a todos os segmentos sem distinções. Cunha (2003) reforça que a biblioteca possui uma característica singular, pois acompanha e se adapta às mudanças que a sociedade apresenta mantendo-se íntegra na execução de suas funções: disseminar os saberes, preservar a memória cultural da humanidade e estimular a educação de cada cidadão.

Diante do exposto, a biblioteca pública, com seu acervo, interação entre as pessoas e sendo um local de integração e inclusão social é um organismo vivo que mantém os laços de uma comunidade unidos e que mesmo em momentos de instabilidade, como o atual, mantém-se firme em seu propósito de levar a informação e o conhecimento que possibilitam a transformação e mobilização social para uma sociedade menos desigual.

3.2 Aplicação da biblioterapia no espaço das bibliotecas

A biblioterapia pode ser aplicada em diversos espaços, entretanto, quando aplicada em bibliotecas, pode-se obter outros resultados que possibilitam socialização, troca de experiências, interação e inclusão dos indivíduos.

Por volta de 1904, quando a prática da atividade começa a ganhar forma e ser mais difundida, passa a ser uma ferramenta aplicada de uso comum em bibliotecas públicas e de bibliotecas de hospitais, segundo Pinto (2005).

Durante a aplicação da atividade, nota-se que a leitura não era algo isolado. Havia uma conexão entre aquele que lia a história e o ouvinte criando vínculo, aproximando pessoas e abrandando os momentos de conflito.

Percebe-se que a leitura está amplamente ligada com o diálogo e a comunicação, assim sendo, a aplicação da biblioterapia permite conexão com aquele que a recebe gerando proximidade e confiança, e conseqüentemente interação. No entanto, segundo Bezerra (2011), o processo de interação é uma via de mão dupla, ambos os lados precisam estar envolvidos durante a comunicação caso contrário, há uma ruptura no elo.

As ações de biblioterapia nos locais de biblioteca, em especial na biblioteca pública, permite ao indivíduo desenvolver outras competências, dado que essa tipologia de biblioteca, por ter como uma de suas funções ser um local de inclusão e democratização de acesso à leitura, permite a realização na prática dessas ações potencializando essas competências, uma vez que é um local fértil e propício para a transformação e protagonismo do indivíduo.

Rasteli afirma a ideia enfatizando que:

[...] a biblioteca pública valoriza o conhecimento local, trabalha com o empoderamento, valorizando expressões individuais e coletivas, garantindo tanto a socialização quanto a produção de múltiplos conhecimento (RASTELI, 2013, p. 46).

O mesmo autor reforça que a leitura e a escrita são ferramentas sociais importantes para o desenvolvimento do potencial humano. A leitura proporciona uma enorme gama de sensações como por exemplo, a imaginação e criatividade, portanto, ler é um processo de criação permanente e não mecanicista, é uma atividade que proporciona socialização e interatividade possibilitando compartilhamento dos saberes e aproximação social.

Sendo assim, a leitura tem papel fundamental e de transformação na vida de um indivíduo. O leitor conectado ao livro proporciona também uma conexão mais ampla, com o outro e com o mundo. A leitura, segundo Ouaknin (2016) está ligada a

consciência subjetiva do leitor e essa como diálogo prediz que tem algo a dizer que lhe é próprio, ou seja, o próprio texto tem algo a dizer ao leitor criando uma simbiose livro-leitor e vice-versa.

Nesse sentido, Freire reforça que:

[...] uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

A biblioteca pública deve extrapolar os limites das estantes para criar um elo solidificando as relações com o usuário e a comunidade, a leitura assim como a biblioterapia possibilita esse encontro que resulta na compreensão de que a biblioteca é um espaço de compartilhamento e pertencimento.

Amorim (2008) pontua que ler é uma ação que busca o prazer, mas também o conhecimento e o desenvolvimento da inteligência, o objeto-livro vai além do seu próprio significado, ultrapassa as folhas coladas e costuradas e os sinais grafados. Desta forma, sua definição está ligada ao valor simbólico e social da leitura consequentemente caminhando para uma atitude de cidadania.

Segundo Bortolanza (2019) no contexto brasileiro, a produção e circulação de livros foi tardia, porém, atualmente a indústria livreira se desenvolveu ampliando e consolidando seu parque editorial, mas no que tange a circulação de livros, esta continua diretamente relacionada a condições socioeconômicas e que boa parte da população ainda não tem pleno acesso aos livros.

Diante deste quadro, a biblioteca pública torna possível e democratiza o acesso aos livros a todos incluindo aqueles que não podem adquirir livros assumindo um papel social, e sua importância como um espaço de reivindicação à educação e inclusão.

No Brasil, as políticas públicas referentes à leitura não tiveram grande peso, o que Bortolanza (2019) apresenta que durante a colônia, por exemplo, o país se moldava e adaptava à cultura, leis e hábitos de Portugal, não coincidindo com a realidade nacional. Pequenas mudanças começam a ocorrer no que tange esta questão com a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB nº 4024, publicada

em 1961, aperfeiçoando em 1971, lei nº 5.692 em sua segunda publicação e mais aprimorada em 1996, lei nº 9.394, em sua terceira edição, momento em que a LDB amplia o direito universal à educação para todos, incluindo a educação infantil, representando pouco avanço no contexto histórico da educação brasileira.

No entanto, a partir dos anos 2000 com a criação do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) em 2006, desenvolveu diretrizes básicas para:

[...] assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2006).

Observa-se assim que o Brasil, a princípio muito modestamente, no entanto com o passar do tempo gradualmente, foi alterando sua concepção e legislação sobre a notoriedade da significância da leitura no cenário nacional, ampliando o direito e acesso à leitura despertando a consciência sobre a importância do ato de ler para a formação não somente do leitor, mas também do cidadão.

Essas mudanças graduais não são suficientes, contudo, trazem relevância, em especial da biblioteca pública, fazendo valer a importância do Plano Nacional para Leitura nesse espaço.

A leitura e a biblioterapia estão intimamente ligadas, uma vez que a biblioterapia consiste na prática da leitura de livros para amenizar e pacificar os mais diversos tipos de emoções trazendo benefícios para a saúde física e mental. Assim, alguns países consideram que a biblioterapia deve estar inserida em programas de políticas públicas visando o bem-estar da população.

O Reino Unido é um bom exemplo de país que tem políticas públicas e programas de biblioterapia sendo oferecidos em bibliotecas públicas, e que segundo Leite e Caldin (2017) a partir dos anos 2000 esses programas foram intensificados e incorporados aos serviços de saúde, ampliando o escopo do atendimento ao indivíduo.

O país desenvolveu a consciência de que a biblioteca pública é um espaço para além das estantes, sendo um espaço de acolhimento e interação tornando possível a implementação desses programas.

Um dos programas é o *Books of Prescription* (Livros com receita) que tem como base a biblioterapia clínica. O programa foi desenvolvido por psicólogos e, apesar de ser

necessária uma receita prescrita a ser seguida, possibilita que o paciente também faça leitura individualizada, sendo possível escolher os livros de forma autônoma para sair da crise em que se encontra. O programa utiliza-se de livros de autoajuda para realização de terapia cognitiva comportamental e para tratamento psicológico.

Já os programas *Well into words* (Bem em palavras) e *Get into Reading* (Comece a ler) baseiam-se na biblioterapia de desenvolvimento e foram criados por bibliotecários ou organizações ligada a leitura. Ambos os programas realizam leituras coletivas com o objetivo de interação social.

Leite e Caldin (2017, p. 63) pontuam que a maior diferença entre os programas é que “*Get into Reading* tem bem restrita sua noção de literatura enquanto *Well into Words* é o mais flexível, os próprios participantes podem sugerir textos para serem lidos”.

No programa *Well into Words* a leitura é feita em grupo sendo um dos principais benefícios a interação social, pois os indivíduos que participam discutem sobre ela compartilhando interpretações e opiniões para gerar um novo sentido, possibilitando a identificação com os personagens ou situação permitindo encontrar sentido em suas próprias dores.

Get into Reading visa o bem-estar do indivíduo por meio do que se considera uma boa literatura inglesa, para tanto utiliza-se da literatura clássica britânica, o programa é realizado em grupo, no qual o mediador faz a leitura e posteriormente há uma discussão sobre as impressões pessoais da leitura apresentada.

Outro exemplo é o caso de Portugal, que oferece atividades de biblioterapia aplicada a idosos institucionalizados em parceria com as bibliotecas públicas. Segundo Ferreira (2013), os bibliotecários utilizam a biblioterapia de desenvolvimento que busca ser uma atividade alternativa para a promoção do bem-estar do idoso.

Segundo dados do portal Portugal Digital (2021) no último ano a Rede Nacional de Biblioteca Pública (RNBP) vem oferecendo sessões de biblioterapia *online* como forma de manter seus serviços à comunidade.

No contexto brasileiro, a biblioterapia está voltada para uma aplicação em consultórios e instituições que desenvolvem projetos com o intuito de levar bem-estar ao paciente e qualidade de vida apaziguando sensações desconfortantes promovendo reflexões e interações entre os participantes das sessões. Assim dentro da realidade de

biblioteca pública existem casos pontuais feitos em parcerias com universidades e hospitais como os projetos “Carro-Biblioteca” e “Casa da Leitura”, este em parceria com a Biblioteca Nacional (SANTOS; RAMOS; SOUSA, 2017).

Nota-se que tange a aplicação da biblioterapia em bibliotecas públicas brasileiras as iniciativas vêm caminhando vagarosamente, sendo em sua maioria ações pontuais.

Em sua pesquisa Leite e Caldin (2017), enfatizam a importância da aplicação da biblioterapia em bibliotecas públicas, apresentando o caso do Reino Unido e trazendo uma projeção de ideias como sugestão de aplicação futura de programas similares no Brasil.

Desta forma, observa-se que com a aplicação da biblioterapia em bibliotecas públicas é possível atingir resultados promissores. No caso do Brasil, por exemplo, para implantação serão necessárias políticas públicas, programas e parcerias voltadas para atingir o maior número possível de indivíduos, compreendendo que sua aplicação pode impactar diretamente na saúde e no bem-estar das pessoas. Sendo um espaço democrático e inclusivo, a biblioteca pública juntamente com a biblioterapia se apresenta como uma alternativa de transformação social para a sociedade.

4 ANÁLISE DE DADOS

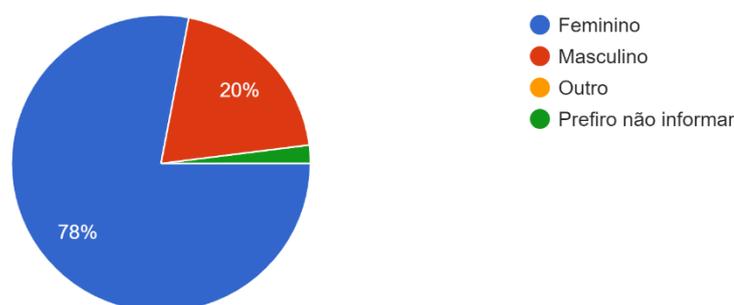
A metodologia utilizada foi a quantitativa para analisar os dados do resultado da pesquisa Impacto da leitura e dos livros, realizada na plataforma *Google Forms* (Apêndice B) no período de 04 a 28 de maio de 2021.

Algumas das perguntas foram obrigatórias com o objetivo de mensurar os dados e coletar uma quantidade de informações possível para análise. O objetivo em manter perguntas abertas para preenchimento foi com o intuito de permitir aos indivíduos manifestarem-se livremente e obter dados que pudessem colaborar para um diferencial na pesquisa possibilitando extrair respostas singulares para uma mesma pergunta.

A primeira etapa do formulário foi voltada ao reconhecimento dos indivíduos que responderam à pesquisa e as perguntas eram referentes a gênero, grupo que se identifica, faixa etária e cidade.

No que tange ao gênero pode-se observar que o feminino foi predominante (78%), seguido do gênero masculino com 20% dos indivíduos e 2% preferiram não informar.

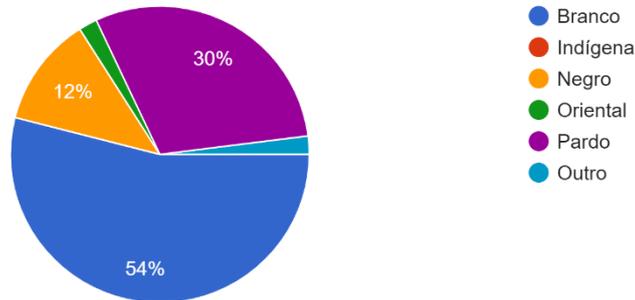
Gráfico 1: Primeira pergunta – Qual gênero você se identifica



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Em relação a pergunta sobre qual grupo se identifica, dentre os dados obtidos pela pesquisa 54% das respostas são pessoas que se identificam como brancas, 30% das respostas como pardos, 12% negros e 2% orientais, conforme gráfico abaixo.

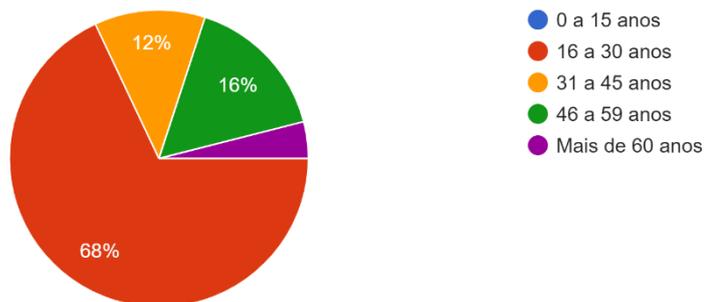
Gráfico 2: Segunda pergunta – Com qual dos grupos abaixo você se identifica?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Com relação a faixa etária 68% das respostas foi encaminhada por jovens entre 16 a 30 anos. As demais respostas ficaram entre 31 e 59 anos somando um total de 28 %, e pessoas com mais de 60 anos contabilizam 4%.

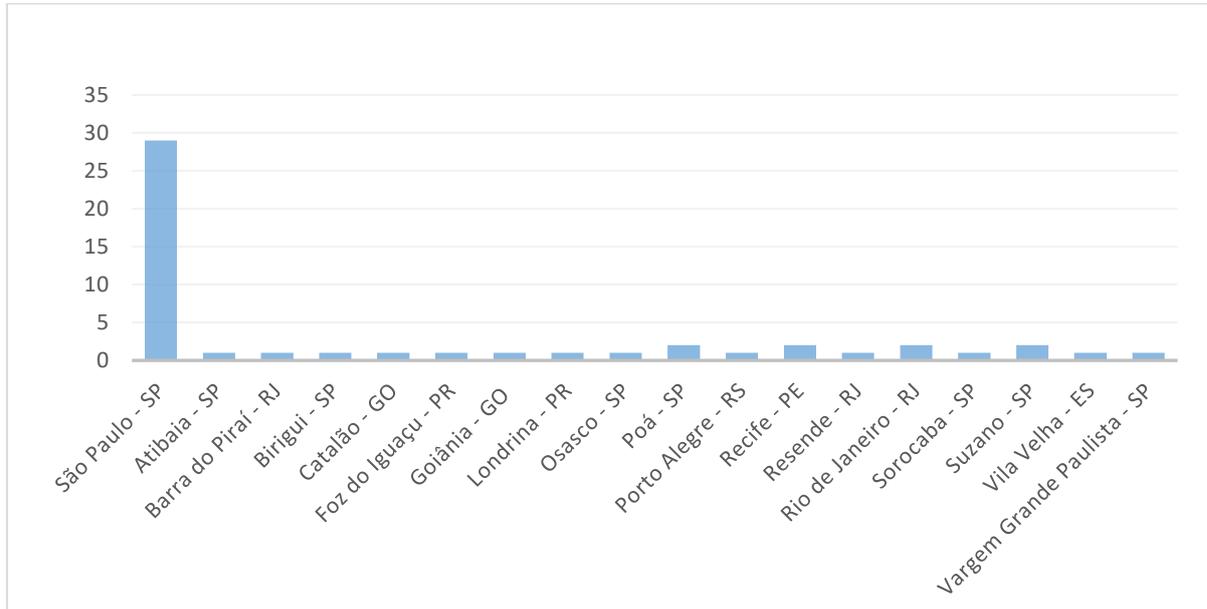
Gráfico 3: Terceira pergunta – Qual faixa etária abaixo você se insere?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Na pergunta referente a localidade, a maioria foi de São Paulo sendo 29% dos entrevistados da cidade de São Paulo.

Gráfico 4: Quarta pergunta – Em qual cidade você mora?

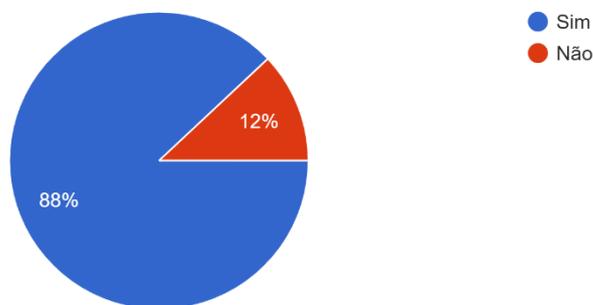


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A próxima etapa de perguntas foi voltada às experiências na biblioteca cujo objetivo foi avaliar a relação dos indivíduos em atividades realizadas em ambiente de biblioteca.

A primeira pergunta revela que 88% dos pesquisados é frequentador de biblioteca pública.

Gráfico 5: Quinta pergunta – Você frequenta ou frequentou biblioteca pública?

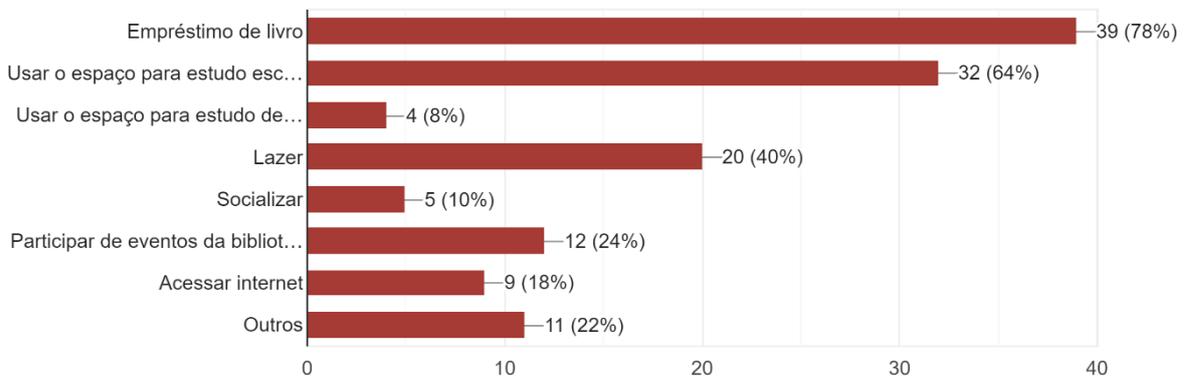


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

O próximo gráfico refere-se aos serviços oferecidos pela biblioteca. Observa-se que dentre os principais serviços utilizados são: empréstimo (78%), estudo (64%), lazer (40%) e participação em eventos (24%). Nota-se que majoritariamente o empréstimo e o estudo ainda são os mais utilizados.

O espaço das bibliotecas ainda é visto sob um foco tradicional. Entretanto, o uso deste espaço está mudando e, conforme dados analisados, percebe-se que há uma quantidade considerável de indivíduos utilizando o espaço com o intuito de participar de eventos, como lazer e para socializar.

Gráfico 6: Sexta pergunta – Qual serviço você utiliza quando vai a biblioteca?

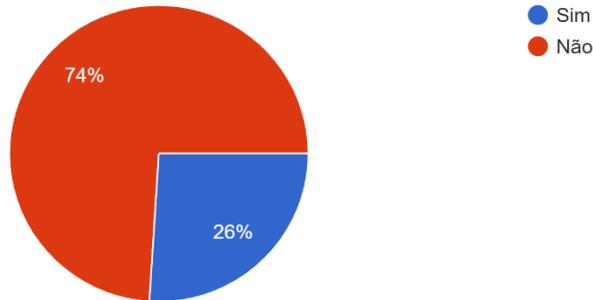


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

No que se refere às atividades desenvolvidas na biblioteca é possível notar que 74% dos indivíduos nunca participaram de uma contação de história e 46% demonstraram interesse em participar de um clube/roda de leitura, conforme gráficos 7 e 8.

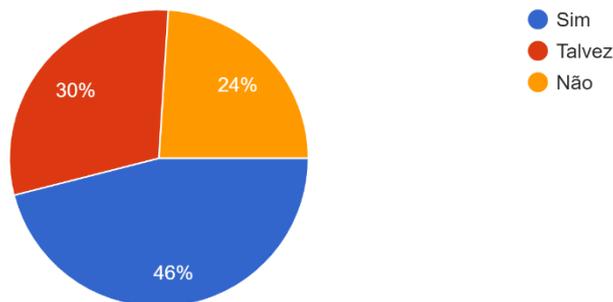
Nesse sentido, somando-se os indivíduos que responderam “sim” e “talvez” (76%), é possível notar que, caso fossem implementadas novas atividades, como por exemplo leituras coletivas, estas seriam recebidas positivamente.

Gráfico 7: Sétima pergunta – Você já participou de uma contação de história na biblioteca?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Gráfico 8: Oitava pergunta – Você participaria de um clube / roda de leitura na biblioteca?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

As perguntas 7 e 8 permitiam respostas abertas. Referente a pergunta 7, 26% das respostas foram afirmativas sendo 12 delas relatos de como foi sua experiência sobre a atividade. Algumas respostas foram bastante positivas como “Muito bom”, “Prazerosa”, “Ótimo” e “Excelente”. Dentre as respostas obtidas, duas se destacaram relatando uma proximidade de vivência biblioterapêutica: “Envolvente. Viajei junto com a história e os narradores. Muito gratificante.” e “Gostei, principalmente porque no final há formação de conversa, no qual o público pode dar a opinião, se gostou, o que achou, se já conhecia o tema, autor ou livro.”

Ambas demonstraram um envolvimento livro/ leitor e história/ouvinte.

A pergunta 8 refere-se à participação de clube/roda de leitura na biblioteca, sendo obtidas 29 respostas. Os relatos em sua maioria foram positivos como “Divertido”, “Interessante” e “Enriquecedor”.

Timidez, deslocamento até a biblioteca e falta de tempo foram algumas das respostas relatadas sobre as dificuldades que impediriam a participação na atividade.

Destacaram-se as vivências: “Trocar experiências de leitura numa leitura coletiva é bem interessante, por isso participaria de uma organizada por uma biblioteca por ser um espaço de democratização da leitura”, “Ler livros com outras pessoas é maravilhoso, pois as percepções são diferentes e ver outras opiniões acerca do que estamos lendo é muito enriquecedor” , “Participaria, pois é um evento que ajuda a gente a interagir com outras pessoas e outros artistas” e “Acredito que a leitura conjunta contribui de muitas maneiras na experiência como um todo. A troca é incrível”.

Analisando os relatos apresentados percebe-se que todos abordam a leitura coletiva como uma troca de experiências que possibilita a interação entre os indivíduos, a escuta de opiniões diferentes e que quando realizada em um espaço de biblioteca permite a democratização da atividade.

Algumas respostas trouxeram o momento atual de pandemia e abordaram também o pós-pandemia: “Eu adoro clubes do livro. Minha experiência é toda online, mas adoraria encontrar pessoas ao vivo pós pandemia” e “Adoro clubes do livro e, sendo liberados da pandemia, eu adoraria poder ter essas atividades ao vivo.”

As falas acima vão ao encontro das do jornalista Galeno Amorim, quando em entrevista cedida, aborda os clubes de leitura relatando que:

Com a pandemia, esses grupos começaram a se reunir virtualmente e foram importantíssimos, inclusive trazendo para inclusão digital pessoas mais velhas porque tornou-se a única oportunidade de conversa, de convivência ainda que no modo virtual, como estamos conversando aqui, agora: pessoas podendo falar, serem ouvidas, serem acolhidas, podendo desabafar, ouvir o que o outro tem a dizer, perceber que isso é a essência, de novo, da biblioterapia percebendo que o problema da solidão dela não era o único do mundo, há outras pessoas na mesma situação e umas aprendem e crescem com as outras (AMORIM, 2021).

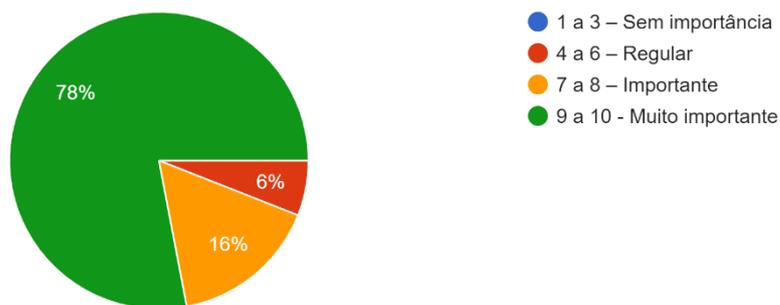
A próxima etapa de perguntas foi voltada para as vivências de leitura e dos livros com o intuito de analisar mais profundamente as relações entre os indivíduos, a prática de leitura e o objeto livro.

O gráfico abaixo apresenta o grau de importância da leitura e dos livros aos pesquisados, sendo que 78% das respostas obtidas consideraram “Muito importante”, apenas 6% regular e não houve respostas no quesito “Sem importância”.

Em um trecho da entrevista cedida, Amorim fala sobre a habilidade da leitura que “é saber ler, saber interpretar, saber conseguir ler mais de uma frase, parágrafo e juntar um parágrafo com o outro e isso fazer sentido” (AMORIM, 2021).

Os resultados da pesquisa expressos no gráfico estão em consonância com a fala de Amorim, elucidando o quanto a leitura é importante para o desenvolvimento do indivíduo cuja habilidade possibilita ajudá-lo a se conectar com o outro.

Gráfico 9: Nona pergunta – Qual o grau de importância da leitura e dos livros para você?

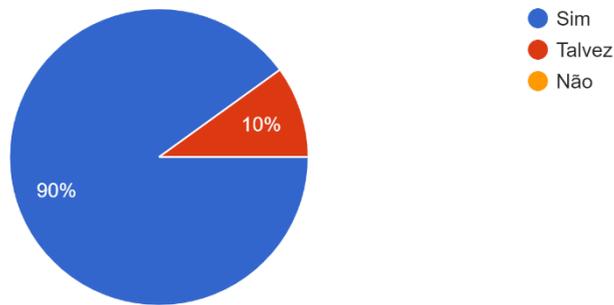


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

O gráfico 10 demonstra que 90% das respostas obtidas indicam que espaços de leitura e a leitura em si podem ajudar a inserir uma pessoa ou grupo socialmente.

Os resultados evidenciam que os indivíduos compreendem a importância da leitura, conforme apresenta o gráfico 9, e reforça e elucidada, de acordo com o gráfico 10, o papel que a leitura desempenha para auxiliar e contribuir para socialização.

Gráfico 10: Décima pergunta sobre a contribuição dos espaços de leitura e da leitura para a socialização

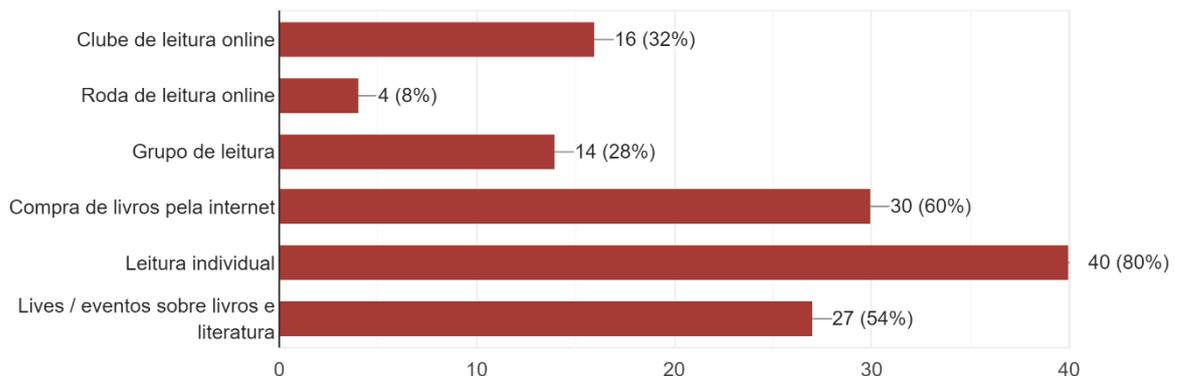


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

O gráfico 11 apresenta o comportamento dos indivíduos durante o período da pandemia do COVID-19, e dentre os hábitos que mais se destacaram foram: leitura individual (80%), compra de livros pela internet (60%), participação em *lives* e eventos sobre livros e leitura (54%) e clubes de leitura *online* (32%).

A predominância de leitura individual na pandemia evidencia e reforça como visto no embasamento teórico deste estudo, que é uma das principais formas adotadas pelos indivíduos para enfrentar períodos conturbados. Assim, aqueles que já tinham o hábito da leitura passaram a ler mais e quem não tinha desenvolveu o hábito de ler.

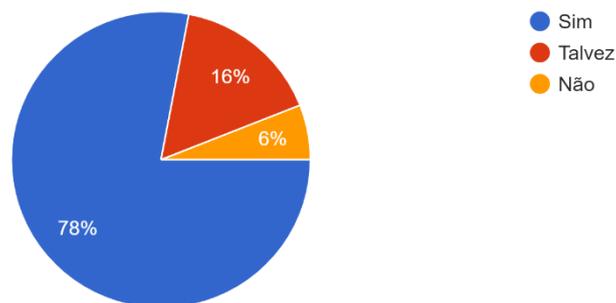
Gráfico 11: Décima primeira – Durante a pandemia você adotou algum dos hábitos abaixo?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

No gráfico 12 nota-se que 78% dos pesquisados considera os livros e a leitura uma forma de terapia. Comparando os gráficos 9 e 12, e analisando os resultados obtidos, percebe-se que ambos apresentaram a mesma margem de resultado: os indivíduos compreendem a importância dos livros e da leitura e bem como consideram uma forma de terapia.

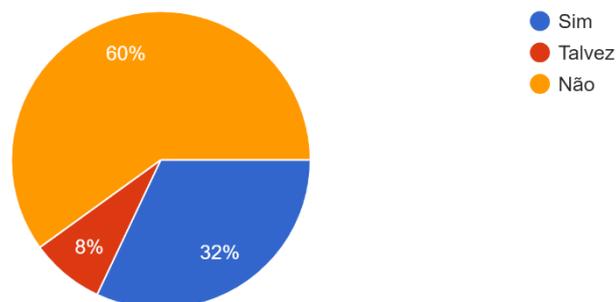
Gráfico 12: Décima segunda – Você considera os livros e a leitura como uma forma de terapia?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

A 14ª pergunta estava relacionada a biblioterapia, dentre as respostas obtidas 60% desconhecem o tema biblioterapia e 32% já ouviram falar, conforme gráfico 13 abaixo.

Gráfico 13: Décima quarta pergunta - Você já ouviu falar sobre biblioterapia?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Analisando as perguntas abertas nesta etapa da pesquisa nota-se que, na 10ª questão foram obtidas 27 respostas, dentre as quais experiências comuns foram relatadas sobre o papel dos espaços de leitura e a leitura em si relatos como: são favoráveis para trocas de experiências e de conhecimento, ampliam a visão de mundo, permitem o acesso à informação e a interação entre as pessoas que compartilham suas experiências e propiciam o desenvolvimento do hábito da leitura.

Algumas respostas foram relevantes e apresentaram experiências que estão relacionadas à biblioterapia e a inclusão social tais como: “A leitura é uma das principais fontes de informação e construção do conhecimento, logo, ela é um dos primeiros passos para qualquer indivíduo que queira se socializar ou se aprimorar em qualquer aspecto da vida”, “Sem dúvida! A leitura amplia a visão de mundo, faz-nos conhecer outras pessoas e culturas, o que nos permite diminuir nosso preconceito. A literatura nos coloca como personagens de coisas que nunca vivemos e, assim, pode nos tocar sobre questões que jamais imaginaríamos, pois não fazem parte do nosso dia a dia. [...]”, “A leitura traz benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade, ela é forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação, além de, uma forma de se entender a nossa realidade social.” e “A leitura abre caminho para muitos questionamentos [...]”.

Essas respostas vão ao encontro da fala de Amorim quando este enfatiza a importância da leitura nesses espaços e a forma como a conexão livro/texto/leitor possibilita a inclusão social:

Então eu leio determinado texto e aquilo me faz conectar de alguma maneira com aquele autor, com a personagem daquela história, e eu ao me associar com alguém que, por exemplo, tem um problema parecido começo a perceber que não sou a única pessoa do mundo a passar por aquilo, a ter aquele tipo de problema, então isso é muito sustentado por essa reflexão do Paulo Freire que tem que ter conexão, a palavra tem que ter conexão com algo que faça um sentido na nossa vida e a partir disso é que a gente se libera pra fazer essas viagens infinitas pela literatura. Então tem absolutamente tudo a ver. E eu complementaria com um pensamento que é importantíssimo para definir tudo isso que a gente falou, que é do Antônio Candido, um dos maiores intelectuais do Brasil de todos os tempos, que dizia inclusive que a literatura é tão importante no sentido de permitir que a gente amplie nosso universo entre outras coisas e que deveria ser tratada como um direito elementar de cidadania (AMORIM, 2021).

Ainda relacionado ao papel dos livros e da leitura, a 12ª questão aborda de que maneira estes podem funcionar como forma de terapia. Lazer, diminui estresse, conhecimento, sonhos, relaxamento foram experiências comuns relatadas das 27 respostas obtidas.

Foi possível relacionar os componentes biblioterapêuticos com as respostas mais relevantes obtidas, por exemplo, em: “Leitura nos ajuda identificar comportamentos, sentimentos e atitudes que podemos mudar”, percebe-se a presença da identificação e introspecção.

Os relatos: “A leitura é uma excelente forma de fuga temporária do mundo em que vivemos”, “Muitas vezes, a história daquele livro te transporta para outro lugar e minimiza seus problemas/preocupações” e “Sim, pois por meio da leitura os indivíduos podem se desligar um pouco de sua realidade e sonhar ou mergulhar em sua imaginação” manifestam pacificação dos sentimentos, uma das características da catarse.

“Arte pode ser usada como terapia e literatura é uma arte. Livros tem o poder de nos fazer sentir compreendidos, encontramos personagens que podem ser de uma realidade completamente diferente, mesmo assim, tem semelhanças nas jornadas pessoais, nos fazendo sentir menos sozinhos”, a experiência elucida a característica apresentada no componente identificação quando o indivíduo se sente representado no livro/texto.

Alguns relatos, como o que segue, nitidamente expressam que a leitura é uma terapia: “Sim, para mim, a leitura é uma terapia, em que posso desvendar o mundo e a mim mesmo, e onde posso criar e ter a oportunidade de desvendar o mundo e compreendê-lo”. Em vista disso, revelam-se os componentes introjeção e introspecção, pois o indivíduo interioriza os sentimentos e a situação narrada no livro refletindo sobre a questão e buscando compreendê-la para assim permitir uma mudança.

A 13ª pergunta teve como objetivo permitir aos entrevistados expressar livremente o que significam para eles os livros. Dos 50 relatos obtidos, experiências como conhecimento, lazer, amigos, reflexão, liberdade e imersão foram comuns nas respostas.

Por ser uma pergunta aberta a 13ª questão permite compreender mais profundamente a relação dos indivíduos com os livros. Nota-se assim que esse deixa de ser somente um simples objeto passando a desempenhar papéis como: ouvinte, companheiro e guia, auxiliando a lidar com conflitos internos e externos.

Na apresentação do livro *Deixem que leiam* da bibliotecária francesa Geneviève Patte, Goldin enfatiza que:

[...] o livro é um instrumento imperfeito que só se realiza quando encontra o leitor que, apropriando-se dele, é capaz de reconstruí-lo e reinventá-lo. Os bons livros transmitem, além de ideias, uma respiração, uma melodia silenciosa que avança no outro e o acompanha em suas aprendizagens e descobertas (GOLDIN, 2014, p. 7-8).

A seguinte vivência relatada: "Muito, de maneira que me ajuda com a dislexia e TDAH, uma das melhores fonte de entretenimento e conhecimento", retrata a possível aplicação da biblioterapia clínica.

Nas experiências compartilhadas que seguem, nota-se a possibilidade de colocar em ação a biblioterapia de desenvolvimento: "Livros são incrivelmente importantes para mim, eles salvaram minha vida. Em momentos em que eu me sentia muito sozinho eu encontrava amigos em personagens. Quando eu precisava fugir, eu encontrava novos mundos. Aprendi a ser mais empático, a enxergar o mundo por outras perspectivas. Conheci novas culturas. Livros aumentaram minha capacidade criativa.", "Para mim, livros significam momentos de "mergulho" em meio a rotina caótica. Sempre tive o costume de levar pelo menos 1 livro em todas as minhas viagens de metrô, ônibus, trem... E eles eram de alguma forma uma companhia que me levava a viajar para outros lugares. Livros tem essa potência de não te deixar posicionado na sua bolha. Eles sempre têm assuntos diferentes, muito provavelmente que você nunca pensou ou situações que você jamais imaginaria.", "Os livros são uma forma de me conectar a outras culturas, épocas e pessoas, uma forma de viver coisas fora da minha realidade, de conhecer algo novo e, por vezes, uma fuga" e "São fontes de conhecimento histórico e psicológico, de entretenimento, onde é possível adentrarmos na visão de mundo de outras vivências, outras realidades, reais ou imagináveis."

A fala de Amorim intensifica as vivências relatadas na pesquisa quando expressa que:

[...] a biblioterapia parte do pressuposto de que a gente tendo acesso ao livro, ao livro certo, que toca em determinados temas, temas geradores de reflexões, são geradores de profundas cutucadas no nosso ser e a partir dessas provocações internas a gente pode ter catarses, a gente pode ter mais insights a partir de uma conexão muito concreta que começa com a subjetividade da literatura, mas que toca em temas concretos do nosso dia a dia (AMORIM, 2021).

Mediante os dados coletados e com uma análise mais detalhada da pesquisa foi possível verificar nas experiências relatadas os componentes biblioterapêuticos e uma possível aplicação da biblioterapia clínica e de desenvolvimento nas vivências apresentadas.

Foi possível notar também que a leitura coletiva aplicada em ambientes como as bibliotecas públicas possibilita a integração social sendo o livro o fio condutor dessa conexão livro/leitor/sociedade.

Dos relatos apresentados é possível fazer uma alusão à citação de Patte (2014, p. 188) no que se refere ao impacto do papel dos livros nas pessoas evidenciando que este é “o barqueiro que faz passar as pessoas de uma margem à outra nos rios”.

A citação de Patte metaforicamente conduz a reflexão de que os livros, sendo barqueiros no mar da vida podem trazer a tranquilidade mesmo em momentos de tormenta, e isso representa a da essência da biblioterapia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na antiguidade Egípcia e Grega os livros eram considerados um bálsamo para a alma e a partir do século XIX são utilizados como tratamento coadjuvante para doenças, com isso vê-se a necessidade de validar e consolidar esse método e surge o termo biblioterapia.

A Biblioterapia é um método, que pode ser aplicado desde a infância até a terceira idade, que se utiliza dos livros e da leitura para o tratamento terapêutico de transtornos como também para desenvolvimento pessoal, trazendo benefícios tanto físico quanto psíquico aos indivíduos.

Desde quando aplicada pela primeira vez nas bibliotecas dos hospitais como tratamento para amenizar o sofrimento dos soldados, durante o período da Primeira Guerra Mundial, a biblioterapia mostrou resultados positivos. Com isso o método foi expandindo-se para outros espaços e enraizando-se em outras áreas do conhecimento.

Psicologia, Filosofia, Biblioteconomia e outras áreas apropriaram-se da biblioterapia como ferramenta. Consultórios, instituições, escolas, empresas e bibliotecas são locais em que a biblioterapia pode ser aplicada.

É possível aplicar a biblioterapia em bibliotecas públicas conforme observado no exemplo do Reino Unido, que devido aos excelentes resultados obtidos com o método biblioterapêutico, este foi incorporado nas políticas públicas do país, como decorrência de parceria entre biblioteca pública e serviço de saúde.

Os programas oferecidos nas bibliotecas do Reino Unido, por conta de ser um local aberto a todos os indivíduos, gratuito e democrático, propiciam inclusão social e interação devido ao poder de alcance do espaço e das atividades aplicadas.

Com a pandemia da COVID-19 a biblioterapia passou a ter destaque como uma ferramenta que auxiliou a amenizar os efeitos do isolamento social possibilitando a inclusão digital, pois houve uma necessidade de as bibliotecas migrarem para o ambiente digital como forma de manter os serviços e o contato com os usuários. Essa migração proporcionou a criação de clubes e rodas de leitura que permitiram a participação do grande público.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, na medida em que foram verificados os resultados alcançados no Reino Unido, a análise dos dados da pesquisa de questionário e com a entrevista realizada, foi possível averiguar alguns efeitos nos indivíduos mediante as respostas obtidas. Esses resultados possibilitaram comprovar que os retornos atingidos com a eficácia da biblioterapia são benéficos e quando aplicada na biblioteca podem ser potencializados proporcionando saúde, bem-estar, educação inclusiva, interação e inclusão social.

No contexto brasileiro, determinadas iniciativas foram realizadas conforme mencionado na entrevista com Amorim, no entanto, ainda não há políticas públicas voltadas para a biblioterapia no país. Há registros pontuais de iniciativas em bibliotecas públicas que tinham parcerias com universidades e hospitais como é o caso dos projetos “Carro-Biblioteca” e “Casa da Leitura”, este em parceria com a Biblioteca Nacional.

Com o estudo realizado, foi possível constatar o potencial da leitura e dos livros no processo de integração e mobilização social, que vai ao encontro dos objetivos 3 e 4 da Agenda 2030.

A Agenda 2030 com seus 17 objetivos tem por premissa buscar o empenho de todos os países em desenvolver ações para tornar o mundo melhor à população e ao planeta.

O objetivo 3 visa a saúde e o bem-estar e como comprovado, ambos Agenda e biblioterapia, convergem para o mesmo resultado. Já o objetivo 4 tem como meta educação de qualidade, pode-se notar que com a aplicação da biblioterapia mais pessoas passam a ter acesso ao instrumento livro sem distinção de cor, raça, gênero e condição social, demonstrando que todos, independente das condições citadas, podem usufruir dos benefícios da leitura e da biblioterapia.

A biblioteca pública quando se utiliza da biblioterapia como instrumento para agregar sua função e objetivos sociais passa a ter uma ferramenta de ação inclusiva e de trocas de experiências que colabora para o desenvolvimento da sociedade. O processo da leitura é um aprendizado que pode ser experienciado ao longo da vida e os livros por sua vez possuem um caráter educativo como também são capazes de promover reflexões.

Juntos esses elementos têm a capacidade de promover mudanças significativas no indivíduo. A leitura e os livros têm grande potencial no processo de integração e mobilização social, pois um indivíduo que lê é capaz de transformar a si mesmo e a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Galeno (org). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.
- AMORIM, Galeno. **Entrevista sobre biblioterapia e inclusão social**. [Entrevista concedida a] Bruna de Lima Dias; Noemi Costa Marques, 12 mai. 2021. Google meet (58min).
- ALMEIDA, Edson Marques; GOMES, Micarla do Nascimento; SILVA, Diego Maradona Souza da; SILVA, Mona Lisa. Biblioterapia: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v.3, n.2, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81223>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.15, n.1/2, p.54-61, 1982. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003179/c1437043a744414cdb405688c5db20cb>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- ARRUDA, Guilhermina Melo. As práticas da biblioteca pública a partir das suas quatro funções básicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1. Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Disponível em: http://www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_24.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.
- BEZERRA, Fabíola Maria Pereira. **A Biblioteca pública, o utilizador idoso e as políticas de infloinclusão**. 2012. 319 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5282>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- BORGES, Jorge Luís. **Borges, oral & Sete noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Perspectiva histórica das práticas escolares de leitura no Brasil: entre rupturas e continuidades. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 75, p. 283-303, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/65343>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- BRASIL. Secretaria Especial da Cultura. **Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)**. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, 2006. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>. Acesso em: 8 maio 2021
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A Leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, p.32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, v.6, n.21-22, 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6727/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CENTRO DE ARTES; UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Sobre. **Youtube Dito Efeito Literário**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/DitoEfeitoLiter%C3%A1rio/about>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CUNHA, Vanda Angélica da. A biblioteca pública no cenário da sociedade da informação. **Biblios**, 2003, v. 4, n.15, p.67-76. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16101507>. Acesso em: 01 mai. 2021

EQUIPE SEMPRE FAMÍLIA. Bibliotecário lê livros por telefone a idosos em casas de repouso de cidade da Espanha. **Gazeta do Povo**. 2020. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/virtudes-e-valores/bibliotecario-le-livros-por-telefone-a-idosos-em-casas-de-reposo-de-cidade-da-espanha/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

FERRAZ, Marina Nogueira. **Introdução à biblioterapia**. [recurso eletrônico] Batatais, SP: Claretiano, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.claretiano.edu.br/anexo/000083/00008341.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FERRAZ, Marina Nogueira. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v.19, número especial, p.18-30, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362014000500004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 abr. 2021.

FERREIRA, Carmen Zita Honório Santos. **Biblioterapia aplicada a idosos: um novo desafio para as Bibliotecas Públicas Portuguesas**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/4940>. Acesso em: 08 mai. 2021.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n.2, p.35-47, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GOLDIN, Daniel. In: PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Editorial: Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/ress/2020.v29n2/e2020222/pt>. Acesso em: 22 mai. 2020.

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao passado. **Informação & Informação**, Londrina, v.24, n.1, p.01 – 31, 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34617>. Acesso em: 01 mai. 2021.

KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara. Prefácio. **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. IFLA; Tradução de Célia Heitor. Revisão da tradução: Margarida Oleiro. Lisboa, 2013. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas De aplicação Da Biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, vol. 11, nº 3, p. 53-65, 2017, Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6846>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete Santos(org). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.101-119.

MACHADO, Frederico Borges; SUAIDEN, Emir Jose. Biblioteca pública, entre teoria e prática. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v.29, n.2, p.22-30, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4909>. Acesso em: 21 abri. 2021.

NIELSEN; SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Painel do varejo de livros no Brasil: Resultados 2020 X 2019. **Sindicato Nacional dos Editores de Livros**. 2021. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/01/SNEL_13_2020_-_13T_2020.pdf. Acesso em: 15 mai. 2021.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Barcelona: Oceano Travesia, 2016.

PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária - UFPB, 1996.

PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos. **Leitura para enfermos: uma experiência em um hospital psiquiátrico**. 1987. 114 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14070?locale=pt_BR. Acesso em: 21 abr. 2021.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**. 2005, v.17, n.1, pp.31-43. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-37862005000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 mai. 2021.

PORTUGAL DIGITAL. **Bibliotecas em Portugal criam serviços ‘online’ e ao domicílio para chegar à comunidade**. Brasília, 30 jan. 2021. Portal: Portugal Digital. <https://portugaldigital.com.br/bibliotecas-em-portugal-criam-servicos-online-e-ao-domicilio-para-chegar-a-comunidade/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GACRIA, Tiago Azenha. COVID-19: Formação específica em Imunoalergologia em tempos de incerteza. **Revista Portuguesa Imunoalergologia**. 2020, v. 28, n. 2, pp.85-86. Disponível em: [https://www.spaic.pt/client_files/rpia_artigos/editorial\(37\).pdf](https://www.spaic.pt/client_files/rpia_artigos/editorial(37).pdf). Acesso em: 22 mai. 2021.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf. Acesso em: 01 mai. 2021.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2, 1975. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73237>. Acesso em: 17 abr. 2021.

RIBEIRO, Natasha Coutinho Revoredo; LÜCK, Esther Hermes. Biblioterapia: a leitura como adjuvante na manutenção da saúde mental em tempos de COVID-19. **REBECIN**, São Paulo, v.7, número especial, p.24-53, 2020. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/185>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANTOS, Andréa Pereira dos; RAMOS, Rubem Borges Teixeira; SOUSA, Thais Caroline Silva. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte-americanas. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-15, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19696>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. 2000. 95 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78289>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SOUZA, Carla. **Biblioterapia**. Florianópolis, SC, 03 jun. 2021. Instagram: @dosesdebilioterapia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPp2VpzgKkt/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SUAIDEN, Emir Jose. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência Da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.52-60, 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/887>. pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

SUAIDEN, E. J. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995, p.19-20

THE INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS. **Manifesto da Ifla/Unesco sobre Bibliotecas Públicas**.1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 21 abri. 2021.

TRINDADE, Leandro Lopes. **Biblioterapia e as bibliotecas de estabelecimentos prisionais: conceitos, objetivos e atribuições**. 2009. 118 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Ciências da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/944>. Acesso em: 21 abr. 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Coordenadoria de Cultura da Udesc lança projeto de literatura com vídeos e podcasts. **UDESC**, 2020. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/coordenadoria_de_cultura_da_udesc_lanca_projeto_de_literatura_com_videos_e_podcasts. Acesso em: 15 mai. 2021.

BIBLIOGRAFIAS

BERNARDO, André BERNARDO. Tratamento à base de livros. **Veja Saúde**, 2019. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/tratamento-a-base-de-livros/>. Acesso em: 01 mai. 2021.

BOOKS ON PRESCRIPTION. Books on prescription: Public Libraries working with health professionals. **Books on prescription**. Disponível em: <https://booksonprescription.com.au/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

HEALTH SERVICES. Bibliotherapy The Power of Words. **Our Health Services**. Disponível em: <https://www.hse.ie/eng/services/list/4/mental-health-services/powerofwords/>. Acesso em: 01 mai. 2021.

PLATAFORMA DO LETRAMENTO. Gláucia Mollo: A biblioteca e seu papel na sociedade contemporânea. **Plataforma do Letramento**. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista/428/glaucia-mollo-a-biblioteca-e-seu-papel-na-sociedade-contemporanea.html>. Acesso em: 01 mai. 2021.

THE GUARDIAN. The reading cure. **The Guardian**, 2008. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2008/jan/05/fiction.scienceandnature>. Acesso em: 24 abr. 2021.

THE READING AGENCY. Reading Well. **The Reading Agency**, London. Disponível em: <https://reading-well.org.uk/>. Acesso em: 01 mai. 2021.

NAPC. Readin Well: Books on Prescriptio - how bibliotherapy can help your patients and save your practice time and money. **NAPC**, London. Disponível em: <https://napc.co.uk/wp-content/uploads/2017/09/Reading-well.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM GALENO AMORIM

Tema: Biblioterapia e inclusão social

A entrevista foi realizada no dia 12 de maio de 2021, às 11h00min pelo Google Meet.

BD: Prontinho, começou a gravar. Eu vou começar com umas perguntinhas pra você, bom primeiro.

Os livros são os melhores companheiros. A leitura pode ser uma experiência prazerosa tanto individual quanto compartilhada. Na sua opinião como estimular essa prática e ressaltar a importância dela ao longo da vida?

GA: Tem um conjunto de medidas que funcionam bem. A UNESCO tem um documento que ela considera essencial para se formar leitores. A primeira dessas coisas é nascer numa família de leitores com os livros espalhados pela casa onde eles façam parte da rotina e as pessoas tenham desde criancinha o entendimento de que é algo que faz parte da vida. O tempo vai passando o filho vai crescendo vai vendo os adultos da casa, pais, mães, pessoas que são referências importantes para ele lendo elas tendem a incorporar em suas próprias vidas, a desenvolver o gosto e fazer disso um hábito e aí são leitoras para a vida inteira. Uma outra condição importante é nascer numa cidade que tenha bibliotecas boas e livrarias para ter garantido o acesso aos livros, a leitura. À medida que cresce, os livros serem considerados algo tão comuns e ao mesmo tempo nobres na vida das pessoas conforme vão crescendo os pais e mães presenteiem além de brinquedos, livros, e contam histórias antes de dormir, fazem leituras em conjunto essa é uma outra condição.

Uma outra condição é ter uma escola boa com professores que gostam de ler e transmite não como algo obrigatório, mas transmite essa prática da leitura como algo extremamente prazerosa como também são referências importantes que ajudam a formar os leitores para a vida inteira. Esse conjunto de coisas acontecendo de uma maneira natural levará a formação de leitores. Só que se sabe que não é exatamente assim, não são todas as condições que estão colocadas. Então algo muito importante, tem algumas medidas para recuperar esse tempo perdido, para recuperar essa situação de não-ação e isso se faz de que maneira? Uma das vertentes é da política

pública da educação, garantir uma educação de qualidade e que essas pessoas dominem essa habilidade de leitura. Dominar e ter essa habilidade da leitura é saber ler, saber interpretar, saber, conseguir ler mais de uma frase, parágrafo e juntar um parágrafo com o outro e isso fazer sentido. Então essa é uma das medidas.

Uma das medidas, as famílias, eu sempre vejo por aí, e é algo não muito difícil de acontecer, simples e fácil, mesmo as pessoas que nascem em famílias que os pais não sabem ler ou não gostam de ler, ainda assim esses pais podem fazer os livros entrarem na vida dessas crianças, desses adolescentes. Então eu vejo muitas mães por aí dizendo eu não tive essa oportunidade, mas eu quero dar para meu filho que eu sei que é importante. É uma forma de correr atrás, de deixar o prejuízo para trás.

Uma outra coisa são as políticas públicas de cultura. Essas políticas públicas elas precisam articular grandes campanhas nacionais de mídia, rádio, TV, jornal, internet, para chamar atenção das pessoas para importância do ato de ler. Muitas vezes as pessoas não têm, parece óbvio, mas não tem a ideia da importância disso. Parece óbvio vacinar contra a paralisia infantil, mas não se vacina então tem que fazer campanha pública para lembrar que isso é fundamental e as outras necessidades que a gente sabe que existem. É uma forma da política pública intervir onde precisa de algum tipo de correção.

A outra coisa são as políticas públicas de cultura terem condições, orçamentos e tudo mais para apoiarem bibliotecas de qualidade, bibliotecas que funcionem, funcionem bem, tenha acervos importantes, sedutores, convidativos, tenham programas de formação de escrita criativa e leitura, são as instituições do terceiro setor mediante uma grande articulação nacional que é papel do Estado se dispuserem também a oferecer projetos de formação de leitores. Então num país de dimensões continentais como o Brasil não tem uma só medida, são um conjunto de medidas, aquilo que a gente chama de política pública que não pode ser uma ação de um governo, um projeto governamental, precisa ser uma política pública que venha do Estado independente da mudança de governos a não ser em situações catastróficas, onde as coisas todas são interrompidas, bloqueadas, suspensas mas em situações ditas normais do rodízio democrático, entra governo, sai governo e essas ações continuam, por ter o Estado o entendimento que é um dever dele e é um direito da população.

BD – É bem isso mesmo que você falou. Essa colocação sua, por exemplo a minha mãe desde pequenos nos incentivou a leitura e os livros, por mais que ela não teve acesso, ela queria e sempre nos incentivou. Ela falou que é primordial sempre ter um livro ao seu lado, pois ele é capaz de mudar vidas. Isso me fez crescer assim como meus irmãos gostando sempre de livros, envolvidos com coisas relacionadas a livros, e fazer crescer ainda mais esse amor que a gente tem pelos livros. Esse incentivo, por parte dos familiares é realmente muito importante. Dá um gás na pessoa em se sentir feliz com aquilo que gosta e ver que as pessoas te influenciam a gostar daquilo, é bem bacana.

GA: Exatamente, você definiu extremamente bem.

NM: A pessoa as vezes se descobre leitor, ela nem sabe que gosta, mesmo que ela não foi incentivada quando era mais jovem ou criança, ela se descobre. Eu gosto de ler romance, aventura e ela acaba se descobrindo leitor.

Eu tenho dois filhos, eu lia para eles para os dois, mas eles, cada um ao seu modo gostou de ler em épocas diferentes da vida, um mais fácil o outro de uns tempos para cá passou a gostar de ler, mas é muito importante incentivar.

GA: Independente do resultado, ninguém é obrigado a gostar de ler. O que é imprescindível é fazermos a nossa parte, o nosso papel de estender o livro, a possibilidade da leitura. Se existe possibilidade, daí se vai gostar ou não é outra história, mas a gente não pode deixar de fazer aquilo que é nosso papel.

NM: Dar oportunidade, mostrar.

GA: Exatamente.

NM: Essa fala está casando bem com a nossa próxima pergunta que é o prefácio da 1ª edição do livro A importância do ato de ler, do Paulo Freire, a frase do

Severino que diz: “E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. É possível fazer uma conexão desta frase com a biblioterapia?

GA: Sim, muito, porque a biblioterapia parte do pressuposto de que a gente tendo acesso ao livro, ao livro certo, que toca em determinados temas, temas geradores de

reflexões, são geradores de profundas cutucadas no nosso ser e a partir dessas provocações internas a gente pode ter catarses, a gente pode ter mais insights a partir de uma conexão muito concreta que começa com a subjetividade da literatura, mas que toca em temas concretos do nosso dia a dia. Então eu leio determinado texto e aquilo me faz conectar de alguma maneira com aquele autor, com a personagem daquela história, e eu ao me associar com alguém que, por exemplo, tem um problema parecido começo a perceber que não sou a única pessoa do mundo a passar por aquilo, a ter aquele tipo de problema, então isso é muito sustentado por essa reflexão do Paulo Freire que tem que ter conexão, a palavra tem que ter conexão com algo que faça um sentido na nossa vida e a partir disso é que a gente se libera pra fazer essas viagens infinitas pela literatura. Então tem absolutamente tudo a ver. E eu complementaria com um pensamento que é importantíssimo para definir tudo isso que a gente falou, que é do Antônio Candido, um dos maiores intelectuais do Brasil de todos os tempos que dizia inclusive que a literatura é tão importante no sentido de permitir que a gente amplie nosso universo entre outras coisas e que deveria ser tratada como um direito elementar de cidadania.

NM: Excelente. Concordo plenamente.

BD: Também concordo. Bom, vamos para a próxima pergunta

O Brasil não é considerado um “país de leitores”, porém com a pandemia, houve um crescimento considerável em relação a aquisição de livros, a criação de clubes de leitura com mais mediadores. Você acredita que este movimento é passageiro? Ou que vai ficar?

GA: Eu acredito que esse movimento faz parte de uma tendência. É não é de hoje que vem aumentando a leitura no Brasil. No ano de 2001, a 1ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostrava que o índice era de 1.8 livros ao ano. Hoje são considerados todos os tipos de leitura, é um padrão mundial de medição, e fica em torno de 5 livros lidos por brasileiro ao ano. Tem gente que pega só um fragmento e fala “ah o livro inteiro e tal coisa e tal”, mas se alguém lê, por exemplo, um conto, um poema, uma crônica e outra e outra está valendo também. Então esse índice cresceu de 1.8 para algo entorno de 5. Por quê?

Antes da pandemia, caiu o número de leitores. Nesses últimos anos, de 2 a 5 anos, em função de algumas políticas públicas desastradas que aconteceram no período e

que abandonaram as ações voltadas para fomento a leitura, tirando algo que é muito pontual e episódico, eu diria que é uma tendência ao crescimento. Por quê?

Nos primeiros 20 anos dessa década, perdão, nas primeiras décadas deste século, houve uma ampliação do número das pessoas leitoras. Não uma universalização porque não chegou ao conjunto da população toda, como a educação hoje, bem ou mal, chega, mas ampliou-se muito. Os programas sociais do livro desses últimos anos passaram a contemplar alunos do ensino médio, alunos do fundamental que não eram contemplados, livros de literatura para alunos da educação infantil, para educação de jovens e adultos, houve um processo de inclusão com programas sociais do livro que fez mais gente entrar para esse conjunto de leitores. Pessoas que não eram de forma nenhuma consideradas leitores passaram a ser leitoras e isso foi um avanço e ajudou aumentar o índice. Há uma certa classe média tradicional que lia um pouco mais, mas que deixou de ler tanto. Porém há um conjunto de pessoas da classe C, D, E que passaram a se tornar leitoras de livro e esse é um movimento importantíssimo no sentido da autonomia da emancipação e da cidadania. Depois desse período, agora sim respondendo tua questão, veio a pandemia e sem tantas oportunidades de concorrência, a não ser a internet, a televisão, que uma hora cansa e enche um pouco, as pessoas criaram a possibilidade de voltar algumas coisas que não se tinha, ou então que nunca aconteceram, por exemplo, a leitura de livros.

Junto com isso havia uma tendência iniciada antes da pandemia, da criação de clubes de leitura, a retomada de uma prática. Eu mesmo aqui no Observatório do livro que eu dirijo, antes da pandemia nós já tínhamos criado 100 clubes de leitura para pessoas idosas e já com e-book, com tablet. Quando veio a pandemia a gente só mudou os encontros desses clubes, só nós fizemos 100 de uma vez em um único ano. É uma tendência que começou antes da pandemia. Com a pandemia, esses grupos começaram a se reunir virtualmente e foram importantíssimos, inclusive trazendo para inclusão digital pessoas mais velhas porque tornou-se a única oportunidade de conversa, de convivência ainda que no modo virtual, como estamos conversando aqui, agora: pessoas podendo falar, serem ouvidas, serem acolhidas, podendo desabafar, ouvir o que o outro tem a dizer, perceber que isso é a essência, de novo, da biblioterapia percebendo que o problema da solidão dela não era o único do mundo, há outras pessoas na mesma situação e umas aprendem e crescem com as outras. E como de tudo se faz canção, a possibilidade de não ter encontros físicos, os clubes

de leitura vieram como uma solução no momento de isolamento social, e se colocaram como uma possibilidade concreta. Vejo pessoas que estavam com depressão, com baixa autoestima, se sentindo isoladas, abandonadas, com medo do futuro, medo de perder o emprego, medo de perder alguém querido da família ou sofrendo com uma perda já acontecida e a partir da leitura, ela pode lidar melhor com isso.

As pessoas perceberam que isso ajuda de alguma maneira, e muito provavelmente, vão continuar esses clubes virtuais, clubes que reúnem pessoas por afinidades e que podem estar em qualquer lugar do mundo, desde que fale a mesma língua, desde que estiver participando do clube, eu tendo a acreditar que isso vai ocorrer. Eu mesmo já fiz esse tipo de leitura dois ou três anos antes da pandemia. Acredito que seja uma tendência que veio para ficar e evidentemente, assim que as coisas mudarem e a gente puder voltar a se encontrar, se abraçar, se beijar, estar no mesmo espaço físico, muitos de nós vão querer voltar a participar desses clubes presenciais. Seja no virtual ou presencial, a grande questão é a descoberta que a gente fez, que de um jeito ou de outro, o livro segue sendo o fio condutor e a gente pode se encontrar e isso incorpora nossa tendência.

BD: Quer fazer a próxima Noemi?

NM: Sim, sim. Muito boa essa tendência. Vai afastando a solidão.

BD: Ouvi vários relatos de pessoas próximas que realmente os livros foram um alívio diante de tudo que estava acontecendo, porque é um momento de muitas incertezas, e entrar no universo do livro foi algo que acalmou os nervos da pessoa e isso foi bem bacana.

GA: Percebendo que isso acontece, talvez antes a gente nunca tenha percebido, e a gente está vendo isso agora, vamos querer dedicar pelo menos uma parte do nosso tempo a algo que nos faz bem, e essa é a grande pegada que nos espera. E como a gente não é bobo nem nada, sabe o que pode fazer bem, não é? Talvez eu não soubesse antes, mas agora sabendo, tudo bem eu vou para o shopping center, depois vou para o campo de futebol, vou fazer uma série de coisas vou para balada, levar vida normal como eu quero e como gosto, as várias coisas que faço, agora eu vou sempre me lembrar que ler um pouquinho, meia hora por semana, duas horas por semana, um pouco mais um pouco menos, aquilo também me faz bem então eu tendo a conservar.

NM – Estava comentando com a Bruna agora há pouco, que eu operei a tireoide e ainda tenho muita insônia então vou aproveitar esse tempo que eu não durmo e vou ler. Então falei: “ah ao invés de ficar rolando na cama para lá e para cá, andando pela casa, eu vou aproveitar e ler”. Eu não me arrependo. Li muitos livros na madrugada que não conseguia dormir e eu acho excelente. Excelente, pois foi um tempo muito bem gasto, bem aproveitado.

GA: E aí quando alguém te perguntar: “teve algum efeito colateral a sua cirurgia da tireoide? Teve, eu passei a ler mais”.

NM: Teve um efeito positivo.

GA: Lógico teve um bom efeito colateral, uma boa sequela.

NM: Bom para mim foi excelente. Vamos para a próxima.

A biblioterapia é bastante difundida no mundo. Qual sua visão sobre a difusão dela no Brasil?

GA: Há um movimento crescente no presente momento da biblioterapia no Brasil. Eu faço uma *live*, *por exemplo*, semanal sobre o tema às segundas feiras e são milhares de pessoas que assistem. Um assiste na hora, outro não assiste na hora, ao vivo, vem e assiste o vídeo depois. É um movimento intenso, cursos que se espalham pelo país afora. Abri curso na semana passada, e em poucas horas, quase todas as vagas já estavam preenchidas, aquilo que era para acontecer durante uma semana, isso é uma tendência. Por quê? Nunca foi tão divulgado. Nunca houve uma atividade mais proativa principalmente de informação e isso está acontecendo. É um momento de uma importante virada e consolidação do processo de difusão da biblioterapia. Quando isso acontece, as pessoas quebram tabus, se sentem mais seguras. Nós, por exemplo, aqui no Observatório do Livro, entendemos agora que uma das dificuldades das pessoas era aprender na prática. As vezes se busca na internet, uma teoria, um artigo bacana outro e tal, mas pegar tudo isso e transformar sozinho em alguma atividade que eu mesmo vá fazer há uma certa distância. Nós mesmo estamos, por exemplo, um pouco antes de começar a conversa com vocês, eu estava trabalhando em um projeto para ampliar e oferecer estágio para aquelas pessoas que se matriculam no curso. Como a gente tem muitos projetos de biblioterapia vamos trazer as pessoas que estudam para estagiar. Aí elas se sentem mais seguras e começam

a implementar. Na verdade, quando não é muito divulgado é há uma falta de confiança, há uma espécie de síndrome do impostor na cabeça de muitas pessoas que falam: será que eu dou conta? Será que é isso mesmo que eu estou querendo fazer? Será que dá certo? Então, como a gente quebra esse tipo de coisa? Oferecendo a possibilidade do contato com biblioterapeutas mais experientes que ajudam no processo de formação. É o que acontece nas mais diferentes profissões. Se você vai para a graduação na faculdade, em algum momento tem a possibilidade de estágio para você complementar aquelas informações que recebeu.

E ao complementar você tira da teoria e põe na prática, você revê aquela prática sob a luz daquela teoria, cresce profissionalmente e se torna cada vez mais um profissional habilitado para exercer aquela atividade. Isso acontece também na biblioterapia.

NM: Agora uma pergunta de fã. Vai ter mais turma esse ano ainda?

GA: A gente tinha tido curso no ano passado em novembro/dezembro e depois só agora. Ontem tivemos uma primeira conversa e nos próximos dias vamos fazer uma outra para ver. Como a gente está reformulando totalmente o curso e é uma coisa que dá muito trabalho. Imagina produzir 60 horas de aula. É diferente de fazer uma aula presencial.

Eu vou com aquilo que sei, falo e trabalho um pouco. Quando você vai gravar, para tirar 20 minutos, você tem que investir muitas horas e horas de produção, de gravação, edição e tudo mais. Então estamos avaliando e nos próximos dias teremos essa definição. Na hora que tiver, eu compartilho.

BD: Boa. Vamos para próxima

A biblioterapia surgiu em um nicho mais restrito. Porém está adentrando em áreas como a psicologia, biblioteconomia, filosofia entre outras. Você consegue enxergar qual caminho ela pode trilhar?

GA: Sim, na verdade é muito amplo esse leque porque depois dos inícios nesse processo de se tornar uma ciência, a área médica, a área psicológica e a área da enfermagem, depois a biblioteconomia também consideraram que era algo no sentido do aconselhamento. A gente vem descobrindo as outras possibilidades. Eu mesmo aqui com nossos projetos que desenvolvemos, a gente de repente olha para a área

social do poder público. Quando a gente olha para essa área, vê que pode trabalhar não só com aquelas pessoas com doenças mentais, com algum tipo de transtorno, mas pessoas com outro tipo de desajuste de caráter social. Então por exemplo, tem uma área dentro da política pública que cuida de apoiar políticas de mulheres, por exemplo, para enfrentar a violência doméstica, olhando por esse lado você vê uma possibilidade. Ainda nessa área social, se você olha para o trabalho infantil, crianças que foram submetidas as vezes de uma forma mais ou menos cruel, mas a questão do trabalho infantil, sendo tirado da escola nunca enviado a escola, tem algum tipo de desajuste que precisa ser apoiado. Muitas vezes não é o biblioterapeuta sozinho, muitas vezes é ele e uma equipe multidisciplinar, com psicólogo, terapeuta ocupacional, as vezes até com psiquiatra ou com médico, com enfermeiro, seja lá como for. Agora com relação a biblioterapia de desenvolvimento é onde eu vejo as maiores possibilidades de atuação, eu por exemplo, desenvolvo há doze anos grupos de biblioterapia mediante estratégias de clube de leitura em presídios. Se você pega a população de presidiários do Brasil, vê o tamanho do potencial de ação, só nesse nicho.

Se você vai para o campo do idoso, a população idosa no Brasil cresce de uma maneira vertiginosa e vai continuar nos próximos anos no mundo inteiro, mais particularmente no Brasil. E vê que há possibilidade de trabalho, pois tanto a institucionalizada, que se encontra nas instituições de longa permanência, quanto idosos que estão em suas casas, com suas famílias, são uma população que precisa ser acolhida, ser cuidada e apoiada. E a biblioterapia é um jeito muito fácil, muito tranquilo além de ser uma política de baixo custo de implantação que também deve ser levado em conta e com resultados muito rápidos.

Se você olha para uma população de um modo geral, vê todas: as que estão em situação de miséria, situação de algum tipo de vulnerabilidade, são pessoas com as quais a gente pode trabalhar a biblioterapia. Então tem um campo imenso de possibilidades, tanto numérica quanto de pessoas, mas quanto aos nichos e seguimentos, Clarice Caldin, que certamente vocês já estudaram muito a respeito para fazer o que tão fazendo, eu há algum tempo gravando uma *live* com ela, dizia que “onde tiver um ser vivo respirando é possível aplicar a biblioterapia”, ou seja, é desde a fase do bebê até os últimos anos de vida humana. Tanto que nesses clubes

de leitura, nós aqui criamos 119 clubes de leitura. A gente chama clube de leitura porque é uma estratégia, e vou dizer por quê: são todos grupos de biblioterapia.

Tinha gente de sessenta porque só podia a partir de sessenta até cento e um anos de idade, então olha, transponha isso para a população brasileira. Na verdade, você tem mil possibilidades de atuação, as pessoas que ainda não descobriram, as instituições que ainda não descobriram, agora por exemplo, nós mesmos aqui, vamos criar e implantar no próximo semestre um clube só para doentes, de pessoas que estão enfrentando e lidando com câncer e com a leucemia, é um grupo muito específico, e um outro grupo para criança e adolescente em situação de vulnerabilidade. Então, é um oceano imenso que a gente não dá conta, e enquanto possibilidade de atuação profissional pública ou privada é extraordinariamente grande.

NM: Sim, acho que o Brasil realmente está precisando muito e tem muito campo de atuação também.

GA: Se você pegar esse momento agora da pandemia, vai ver que quatro entre dez brasileiros estão passando por um processo de ansiedade. Eu costumo brincar falando: “é que o pesquisador não falou com os outros seis”, porque senão ele teria um quadro muito mais bem acabado, seria todo mundo. Por quê? Mexe profundamente com nossas emoções, é a parte física, mas a parte emocional é mais afetada ainda, tanto que diz que a terceira onda de problemas com a COVID-19 será pela questão emocional, então, imagina o campo para se trabalhar, claro que a gente não deseja isso, mas sempre que tem alguém em dificuldades tem que ter alguém disposto, preparado e treinado para apoiar. Então, olha aí o papel amplo que a biblioterapia tem.

NM: Muito bom. A nossa próxima pergunta é sobre a agenda 2030. Você acredita que biblioterapia pode ser uma possibilidade para viabilizar os objetivos da agenda?

GA: Eu acredito muito nisso, porque a agenda 2030, leva em conta questões muito profundas para considerar: que o planeta está bem, que a saúde do planeta, da população do planeta está bem, igualdades foram alcançadas, desigualdades foram superadas e quando a gente vê a possibilidade da biblioterapia, eu diria, o livro em si, o acesso à literatura em si, já é uma possibilidade grande para ajudar na preparação no bem-estar físico e emocional das pessoas, e quando a gente faz isso

com a pegada da biblioterapia, produzimos resultados muito mais importantes, mais significativos. Então, se a biblioterapia nos ajuda a ter pessoas mais bem preparadas para o exercício do emprego, que é um dos objetivos da Agenda 2030, de ter pessoas que tenham trabalhos decentes e que ganhem salários decentes, que estejam bem do ponto de vista da saúde emocional, a biblioterapia ajuda sim nesse sentido. Ela é uma maneira, não poderia dizer moderna já que ela é praticada desde a antiguidade, mas é uma ação contemporânea poderosa para alcançar resultados importantes de uma maneira massiva.

BD: Ótimo, vamos para a próxima. O nosso trabalho, o tema do nosso TCC, nós falamos de biblioterapia e inclusão social. (**GA: Legal**). Você acredita que a biblioterapia utilizada como ferramenta pode auxiliar na inclusão social?

GA: Eu sou extremamente convencido disso, porque quando a gente faz a biblioterapia olhando para esses grupos que estão excluídos socialmente, a gente apoia, ajuda promover a autoestima, ajuda a promover o autoconhecimento, a desenvolver pessoas mais seguras, mais bem resolvidas, pessoas que tendo mais, melhor autoestima, vão lutar mais por seus direitos, vão lutar mais para exercer sua plenitude e sua própria cidadania, vão brigar por empregos melhores, vão brigar por formação educacional melhor, vão ajudar a lidar quando forem vítimas preconceito de qualquer natureza, sendo minorias, vamos ajudar lidar melhor quando forem vítimas de práticas racistas. Por outro lado, pessoas racistas, a gente pode ajudar tornar essas pessoas não racistas, não preconceituosas, mais respeitosas, mais tolerantes, e quando você ajuda criar pessoas assim, atuando nas duas pontas tem gente que precisa mais, tem gente que precisa menos, mas a gente pode criar condições para ter uma sociedade mais dinâmica, mais tolerante, melhor, portanto, menos desigual.

Quando você cria uma sociedade menos desigual, você cria condições para ter mais inclusão, e na outra ponta pessoas que percebem como precisam olhar o outro, como é necessário ter empatia, ter uma posição de solidariedade para com as outras pessoas, de respeito pelo ser humano, pessoas menos egoístas. A biblioterapia grosso modo é uma “terapia” como qualquer outra, que pode ajudar tornar as pessoas melhores, curando nossas feridas, ajudando a construir uma sociedade mais inclusiva.

BD: O mais interessante com a sua fala é que está diretamente ligada com a Agenda 2030: inclusão (**GA: Isso**), saúde e bem-estar, diminuição da desigualdade, estão todos ligados entre si, como um grande nicho entre eles.

GA: Exatamente, só vou complementar com uma afirmação aqui, por exemplo, nestes nossos grupos de leitura em biblioterapia em presídio já passaram em doze anos mais de 9 mil homens e mulheres presos. Na sociedade dificilmente você encontra alguém mais vítima de preconceito que do que pessoas presas, quando você pensa nos vários grupos de preconceito fora das grades, mulheres trans, por exemplo, transporta essa mesma mulher trans da rua para dentro do presídio, o nível de preconceito, de perseguição, de intolerância é muito maior.

Com pessoas negras vítimas do racismo, quando elas estão no presídio, e elas são a maior parte da população carcerária brasileira, e em diversos países também é assim, o nível de preconceito, de intolerância, de perseguição é muito maior então você leva a biblioterapia.

Respondendo objetivamente à questão, você transforma essas pessoas, em pessoas mais serenas, mais apaziguadas internamente, que não se envolvem mais no crime, descobrem uma nova perspectiva de vida, voltam para rua e se encontram profissionalmente, com família, a sociedade, retomam a vida, você reintegra na sociedade. Então são demonstrações que nós vemos no dia a dia, se você vai com um grupo de idoso que está digitalmente excluído, que está socialmente excluído, que não é ouvido em casa e na sociedade, e você dá a sensação de pertencimento, de participação nas coisas da sociedade, dá um sentido novo na vida, você está incluindo essas pessoas. Então, a teoria é poderosa sobre a inclusão e a biblioterapia, mas na prática, ela é contundente em produzir exemplos de como isso acontece no dia a dia.

BD: O nosso orientador estava comentando ontem de um caso, de um indivíduo que estava preso, começou a despertar o interesse pela leitura, começou a estudar, enquanto ele estava no cárcere. Ele prestou o vestibular, gostou tanto dos livros que foi fazer biblioterapia, inclusive passou em Biblioteconomia de tanto que se identificou com os livros, para poder cursar o curso. Foi um processo de identificação.

GA: Ele é meu aluno, o nome dele é Florindo Cassimiro, mora em Campinas, eu o conheci no cárcere, e outro dia eu fiz uma *live* com ele e com um outro ex-presidiário

que mostram exatamente isso. Está no meu canal, do Galeno, foi há duas semanas essa *live*.

NM: Ele falou também da Cátia Lindemann que levanta muito essa bandeira.

GA: Ela é bibliotecária no Rio Grande Sul, e atua num presídio, não exatamente com a biblioterapia, mas ela tem mais trabalhado a biblioteconomia no cárcere mesmo, ela é uma batalhadora dessa área.

NM: Nossa próxima pergunta está quase respondida, mas está voltada para a biblioteca pública. É possível nesse espaço da biblioteca pública, a aplicação da biblioterapia auxiliar na integração social?

GA: Não só é possível, como é extremamente necessário. A biblioteca pública cada vez mais, e os bibliotecários de um modo geral, se abrem para mediação da leitura. Houve um tempo em que o bibliotecário era muito mais fissurado só com a catalogação, as questões técnicas da profissão que são importantes evidentemente, mas que não podem ser tidas como as únicas e absolutas. Há cada vez mais envolvimento, um olhar dos bibliotecários, dos novos estudantes da biblioteconomia e ciência da informação, do papel enquanto fomentador, e uma das ferramentas mais poderosas que conheço para fomentar e promover socialmente o cidadão é a biblioterapia.

O trabalho do livro em si, do empréstimo e do fomento, já é muito importante e poderoso, e quando aplicam-se técnicas da biblioterapia na verdade quando o bibliotecário aplica, a biblioteca pública potencializa. Esse raciocínio serve tanto para a biblioteca pública tradicional quanto para outras bibliotecas de natureza pública como no caso da comunitária também. Então, é uma possibilidade muito grande de atuação e do bibliotecário inclusive se realizar cada vez mais enquanto profissional em atividade que trabalha e atua com livros e com a leitura, e ter essa plena convicção que está mudando o mundo de uma maneira ainda mais significativa.

BD: Ah sim, ele passa também a ter um papel de agente social. Com o auxílio da biblioterapia ele tem esse papel de função social que possibilita não somente o acesso, mas também a democratização.

GA: Eu acredito muito nisso, aposto muito nisso, e estou muito convencido que esse vai ser um perfil preponderante do bibliotecário do futuro. E o futuro já é agora!

NM: Com certeza! Mudando muito essa visão, saiu de “guardador de livro” digamos assim para protagonista.

GA: É agente social bem mesmo, como bem definiu a Bruna.

NM: Sim.

GA: Que é fundamental e necessário.

BD: Nossa próxima pergunta também ainda em relação à biblioteca pública. Muitas bibliotecas públicas, ingressaram nas redes sociais por conta do isolamento, promovendo clubes de leitura para poder manter as pessoas conectadas e diminuir o distanciamento que a pandemia estava impondo. Você acredita que essa prática será mantida após o fim da pandemia?

GA: Tenho certeza de que será mantida, houve como em vários setores da sociedade antes da pandemia uma resistência diante da entrada para valer da tecnologia em nossas vidas, a pandemia quebrou as últimas resistências que ainda existiam. E não eram somente as bibliotecas, as livrarias, os editores resistiram o quanto puderam no Brasil para transformar seus livros físicos em também livros digitais para ampliar o acesso, então é um movimento que veio para ficar, e não tem volta, não tem jeito até porque a sociedade não toleraria esse tipo de retrocesso, e até porque os profissionais da área, que são profissionais ciosos do seu dever, da sua importância do seu papel social também vão perceber que é algo mais que necessário, e que o ganho que foi relatado nesse período não pode ser perdido. Então, as partes não admitiriam voltar para trás, o progresso vem, e quando ele vem é avassalador, ele não permite retrocesso, ele pode até estacionar por algum tempo, que isso também pode ser importante para consolidar o avanço recente que houve, mas a única direção em movimento que ele tem é para frente.

Não tenho dúvidas que vai continuar, as pessoas perceberam que de repente vão ter que atuar no espaço físico, e vai ter gente que sempre vai querer e desejar, e é ótimo que seja assim! Vão atender fisicamente, e vão perceber também que tem outras pessoas e que dá para atender em número ainda maior no espaço virtual, digital, e

vamos também atender. O mais difícil era incorporar a nova tecnologia, agora que incorporou não tem por que “desincorporar”.

BD: O legal que biblioteca, é que ela vai além do espaço físico. Acho que a grande vantagem das tecnologias é isso: permite que a biblioteca saia do “prédio” em si que ela está, e toma outros horizontes que até então não imaginava que poderia tomar.

GA: E isso é fundamental inclusive para mudar um preconceito reinante que há em boa parte da população que biblioteca além de ser apenas um espaço físico para se ir quando estou na escola. Acabou a escola eu não preciso nunca mais voltar, estou livre disso.

NM: “Está livre”!

GA: Essa percepção do digital e tem algumas bibliotecas que eu conheço que entraram na era digital alguns anos antes da COVID, passaram a ter um grande incremento na vida da própria biblioteca, emprestando livros. Não deixou de terem pessoas fisicamente, algumas pessoas mantiveram até o hábito de inclusive ir até aquela biblioteca e ler sentado lá, deitado, sentado, encostado, na hora do almoço. Então, essa percepção de que a biblioteca não é um estado físico, mas sim um estado de espírito, e é positiva.

NM: David Lanke que é um grande estudioso também fala muito desse papel da biblioteca de sair das estantes e ir para outras dimensões digamos assim.

GA: Boa!

NM: Vou falar um pouquinho sobre a mediação de leitura. Acho que quase respondeu à pergunta. Como a biblioteca pública pode utilizar a biblioterapia para as mediações de leitura?

GA: A biblioteca pública pode recorrer, como algumas bibliotecas que a gente trabalha nestes projetos de biblioterapia que nós temos, por exemplo, pode fazer grupos, pode criar estratégias dos clubes de leitura e incrementar com as questões geradoras como por exemplo, formando pessoal que trabalha ali para atuar com biblioterapia, tem que ter um certo treinamento, uma preparação, um convívio com outros profissionais para poder implementar. E a estratégia é muito simples: as bibliotecas públicas podem

fazer aquilo que elas já poderiam estar fazendo para promover a leitura, e muitas eu sei que estão, ou quem não está, pode aderir a isso. Por exemplo, podem criar um grupo de adolescentes da cidade de interessados nos livros que vão cair no vestibular e ler os livros, conversar sobre essas leituras feitas e já estão se preparando para o vestibular, mas também estão se preparando para a vida. Dois em um! Dá para discutir a partir de uma leitura de Machado de Assis e Capitu, por exemplo, várias questões que fazem parte da vida de todos nós, de todas as fases da vida inclusive na adolescência.

Dá para criar um grupo das pessoas aposentadas do bairro, da cidade onde está aquela biblioteca e pegar temas, e ler Ítalo Calvino, ler algum tipo de autor, dá por exemplo, para ler fábulas e crônicas ou poemas, e criar grupos só disso para pessoas mais velhas, que são inclusive analfabetas e a biblioteca pode utilizar a técnica da biblioterapia para aprofundar o trabalho, talvez ela descubra nesse processo uma forma muito mais poderosa de fidelizar essas pessoas, porque a gente se sente acolhido. Tem muitas senhoras de sessenta, setenta, oitenta e noventa anos que nós atendemos por exemplo, que elas contam “olha mesmo agora na fase da pandemia que só se reúne virtualmente”, elas falam “nossa, dia da sessão de biblioterapia eu passo batom, tomo banho, passo perfume, arrumo meu cabelo, ponho uma roupa legal porque é um compromisso social que eu tenho”, é um compromisso, tem gente que quase perdeu a data da vacina para não perder a sessão de biblioterapia (**risos**) e a gente fala “não pelo amor de Deus, não faça isso, não!”. Mas pessoa vai fazendo a conexão com a biblioteca pública, e cria-se um vínculo, porque a pessoa se sente acolhida, se sente ouvida de uma forma empática, sente que está fazendo um bem pessoal, além de fazer o bem que a leitura de livro em si já faz, do entretenimento e de tudo mais, mas com essa pegada da biblioterapia é um tipo de ajuda então a pessoa vai buscar uma coisa, e tem duas, três, em alguns casos quatro e até a inclusão social e digital.

Assim se a biblioteca adere a esse tipo de prática, esta inclusive pode aumentar o público, aumentar a fidelização, dar um novo sentido na vida dos seus usuários que não aparecem lá nunca e, dos seus usuários, portanto, em potencial.

NM: Muito legal, muito bom! Isso do pertencimento, de conseguir estar na sociedade, tem gente muito afastada da sociedade, isso é muito bom!

BD: Bom, a próxima pergunta é qual é sua visão da biblioterapia antes da pandemia, durante, e o que você acredita que ela possa vir a ser ou transformar após a pandemia?

GA: Penso que de algum modo nas minhas respostas anteriores eu acabei tocando no assunto, mas eu acho que a pandemia se coloca como um momento de oportunidade das pessoas que querem ser biblioterapeutas entenderem que além de ser possível, é necessário que também representa uma oportunidade de mercado de trabalho, tanto no trabalho atual se a pessoa já funcionário de biblioteca, de uma empresa, instituição, professor numa escola pública ou privada, trabalha no RH de um empresa, se é psicólogo, e se já trabalha no consultório, ela pode implementar.

Enquanto de outro lado uma outra questão que vejo nesse divisor de águas que é a pandemia, é a gente ter uma ferramenta concreta, rápida, de treinamento rápido e barato para ajudar as pessoas. Se no momento da pandemia a gente percebe e faz uso disso, implementa, cria uma clientela que você pode ajudar com a biblioterapia isso vem para ficar e vai expandir a aplicação da biblioterapia no Brasil e no mundo.

BD: Nós estamos estudamos, por exemplo, alguns casos do Reino Unido, no qual inclusive a biblioterapia faz parte de políticas públicas, e nós achamos incrível, essa importância que se dá para a biblioterapia de não somente difundir, mas também ser incluída como uma política pública no país.

GA: Exatamente, aqui no Brasil tem um movimento que eu faço parte dele, e tem feito injunções e articulações no campo político, para ver se a gente consegue aprovar. É um projeto de lei que agora está arquivado, e estamos lutando para desarquivar, para o SUS autorizar a biblioterapia como uma das possibilidades terapêuticas no serviço público no Brasil. Acho que é uma luta importante que vai unir muito as pessoas.

NM: Excelente! Muito bom, vão receitar biblioterapia para a pessoa.

GA: Exatamente, nos Estados Unidos também é um serviço público, assim como no Reino Unido. Então, é importante, e fiquei muito feliz quando soube que vocês estavam fazendo essas pesquisas sobre o assunto. E eu vou querer muito ler o TCC de vocês quando finalizarem. Já me coloco como candidato a leitor, de primeira hora.

NM: A gente agradece muito. Nossa! Estamos muito lisonjeadas com essa questão.

BD: Em todas as suas falas, a gente, pelo menos eu percebo dialogaram muito, com o que estamos fazendo, pretendemos continuar a fazer. É muito bom ver realmente que está dialogando com que a gente pretendia fazer e com o que você fala, e assim, como realmente, o nosso orientador colocou, vai ser excelente para o nosso estudo e pesquisa.

GA: A nossa pegada aqui é totalmente de inclusão, então a gente pode trabalhar com qualquer um, e deve trabalhar com qualquer um, e todo mundo. Mas se tem algumas pessoas na sociedade que estão mais excluídas que outras, esse deve ser nosso foco. Nossos projetos têm sempre esse olhar.

NM: Excelente, a biblioterapia ajuda as pessoas e isso é ótimo!

GA: Bacana. Eu fico à disposição e qualquer coisa que vocês precisarem, fico às ordens aqui para responder alguma outra questão.

BD: Bom, acho que nós finalizamos, mas primeiramente quero novamente muito agradecer, Galeno, muito obrigada mesmo. Suas colocações, a sua disponibilidade, toda atenção durante as trocas de e-mail que tivemos, realmente nós agradecemos muito!

NM: Agradecemos bastante à Mariangela também, que foi a mediadora.

GA: Legal, vou transmitir a ela.

NM: Nós vamos mandar pelo e-mail também, agradecendo a mediação dela, agradecendo muito ao seu tempo, por disponibilizar esse tempinho para a gente. Obrigada mesmo por essa hora tão produtiva e positiva para nós!

GA: Bacana, gostei também!

BD: Foi um grande aprendizado, e quando sentarmos para escrever o TCC vamos dizer: “Uau, que bom que a gente teve essa conversa”. Vai iluminar muita coisa.

GA: (risos) Bacana! Que bom!

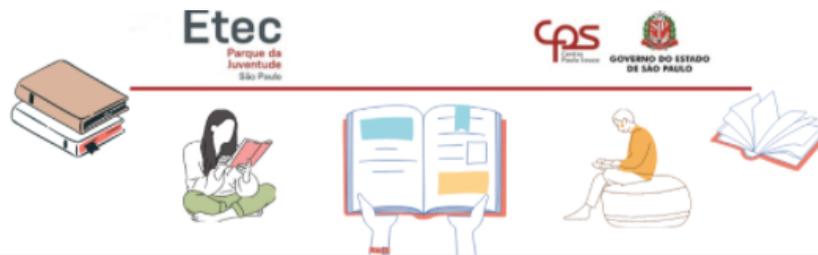
NM: Sim, conseguimos fazer a entrevista com o Galeno Amorim, sim “Galeno Amorim”.

GA: Legal. Que bom, e me manda o TCC na hora que ficar pronto, tá bom (risos)?
Boa sorte para vocês!

Fim da entrevista com Galeno Amorim.

Duração: 57min 52seg

APÊNDICE B – PESQUISA GOOGLE FORMS



Impacto da leitura e dos livros

Esta pesquisa tem por objetivo identificar o impacto da leitura e dos livros nos indivíduos.

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de colher informações para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Técnico em Biblioteconomia do Centro Paula Souza - ETEC Parque da Juventude.

Agradecemos (muito) sua participação!

***Obrigatório**

1 - Qual gênero você se identifica? *

- Feminino
- Masculino
- Outro
- Prefiro não informar

2 - Com qual dos grupos abaixo você se identifica? *

- Branco
- Indígena
- Negro
- Oriental
- Pardo
- Outro

3 - Qual faixa etária abaixo você se insere? *

- 0 a 15 anos
- 16 a 30 anos
- 31 a 45 anos
- 46 a 59 anos
- Mais de 60 anos

4 - Em qual cidade você mora? *

Sua resposta _____

5 - Você frequenta ou frequentou biblioteca pública? *

- Sim
- Não

6 - Qual serviço você utiliza quando vai a biblioteca? *

(Possível escolher mais de uma opção)

- Empréstimo de livro
- Usar o espaço para estudo escolar/vestibular/faculdade
- Usar o espaço para estudo de concurso
- Lazer
- Socializar
- Participar de eventos da biblioteca
- Acessar internet
- Outros

7 - Você já participou de uma contação de história na biblioteca? *

Sim

Não

Se sim: Como foi a sua experiência? Comente.

Sua resposta

8 - Você participaria de um clube/roda de leitura na biblioteca? *

Sim

Talvez

Não

Se possível, justifique sua resposta.

Sua resposta

9 - Qual o grau de importância da leitura e dos livros para você? *

- 1 a 3 – Sem importância
- 4 a 6 – Regular
- 7 a 8 – Importante
- 9 a 10 - Muito importante

10 - Você acredita que espaços de leitura e a leitura em si podem ajudar a inserir uma pessoa ou grupo socialmente? *

- Sim
- Talvez
- Não

Se possível, justifique sua resposta.

Sua resposta _____

11 - Durante a pandemia você adotou algum dos hábitos abaixo? *

(Possível escolher mais de uma opção)

- Clube de leitura online
- Roda de leitura online
- Grupo de leitura
- Compra de livros pela internet
- Leitura individual
- Lives / eventos sobre livros e literatura

12 - Você considera os livros e a leitura como uma forma de terapia? *

- Sim
- Talvez
- Não

Se possível, justifique sua resposta.

Sua resposta _____

13 – Para você o que significam os livros? *

Sua resposta _____

14 –Você já ouviu falar sobre biblioterapia? *

- Sim
- Talvez
- Não